

Laryssa Tarachucky (Org.)
Alexandra Ataíde
Antonio Carlos Queiroz Filho
Joice Biazotto
José Carlos Mota
Naomi Martin
Paulo Henrique Wolf
Rosa Madeira
Rosane Vasconcellos Zanotti

Laboratórios, Redes & Relações

**Aproximações sobre
a construção coletiva
do viver em comum**



Laryssa Tarachucky (Org.)

Alexandra Ataíde

Antonio Carlos Queiroz Filho

Joice Biazotto

José Carlos Mota

Naomi Martin

Paulo Henrique Wolf

Rosa Madeira

Rosane Vasconcellos Zanotti

Laboratórios, Redes & Relações

**Aproximações sobre
a construção coletiva
do viver em comum**



Tarachucky, Laryssa (Org).

Laboratórios, redes & relações: aproximações sobre a construção coletiva do viver em comum / Laryssa Tarachucky (Org.). – 1. ed. – Jaraguá do Sul, SC: Urban IxD, 2025.

108 p.; 21 cm

Inclui referências.

ISBN 978-65-987937-4-6

1. Inovação cidadã. 2. Participação social.

I. Título.

CDD: 303.48

CONTEÚDO

- Página 5. Apresentação**
- Página 8. Capítulo 1.**
A colaboração como motor da inovação social: A história do Actors of Urban Change
Joice Biazoto & Naomi Martin
- Página 17. Capítulo 2.**
Laboratórios de cidadania pela inclusão da comunidade africana em Aveiro
José Carlos Mota, Alexandra Ataíde & Rosa Madeira
- Página 42. Capítulo 3.**
Laboratórios de inovação cidadã como prática situada: o caso LabIC Novale
Laryssa Tarachucky
- Página 63. Capítulo 4.**
Mentoria em laboratórios de inovação cidadã: uma experiência no LabIC Novale
Paulo Henrique Wolf
- Página 71. Capítulo 5.**
Conexão: a experiência da "Metodologia PCE - Percepção, Colaboração, Engajamento" e os desafios e potencialidades dos laboratórios de inovação cidadã
Antonio Carlos Queiroz Filho & Rosane Vasconcellos Zanotti
- Página 95. Capítulo 6.**
Laboratórios, no plural
Laryssa Tarachucky
- Página 103. Sobre os autores**

APRESENTAÇÃO

Este livro nasce de um encontro. Ou, mais precisamente, de uma sucessão de encontros que se iniciam em 2022, no contexto do 2º Workshop LabIC Novale, e se desdobram ao longo do tempo em diálogos, escritas, permanências e recomposições. Ao reunir os capítulos aqui apresentados, esta obra não pretende oferecer um panorama exaustivo dos laboratórios de inovação cidadã, tampouco propor um modelo replicável de atuação. Seu propósito é mais modesto — e, ao mesmo tempo, mais exigente: colocar em diálogo diferentes perspectivas que abordam, a partir de campos, escalas e repertórios diversos, práticas de inovação urbana, social e cidadã. Ao longo do livro, convivem perspectivas que falam de laboratórios cidadãos, de redes bottom-up de inovação urbana, de programas colaborativos, de práticas institucionais e de experiências sensíveis de participação. É nessa convivência — por vezes convergente, por vezes tensionada — que o encontro se produz como campo de aprendizagem e de respostas coletivas para desafios comuns.

A chamada pública lançada ao final de 2022 aos participantes das duas primeiras edições do Workshop LabIC Novale partia de uma inquietação comum àqueles envolvidos com práticas de inovação cidadã: como registrar, compartilhar e refletir criticamente sobre práticas que são, por definição, abertas, experimentais e situadas? A proposta do livro previa a possibilidade de reunir visões plurais e convidava os autores a contribuir com capítulos que articulassem teoria, prática e experiência, em diferentes registros de escrita. Desde o início, assumia-se que os textos poderiam variar em forma, densidade e abordagem, e que a publicação resultante não buscaria homogeneidade, mas coerência.

O processo de construção deste livro acompanhou a própria natureza dos encontros que lhe deram origem. Ao longo do tempo, os diálogos iniciados em 2022 se desdobraram em diferentes ritmos de escrita, reformulações de enfoque e escolhas editoriais, refletindo a diversidade de tempos, disponibilidades e modos de implicação característicos dos processos participativos. Entretanto, longe de representar um problema a ser corrigido, esse percurso evidencia uma característica

central dos laboratórios de inovação cidadã: eles se constroem a partir de adesões, de permanências e de processos que amadurecem de forma não linear. O livro assume essa condição como parte de sua própria lógica, reconhecendo-se como resultado de um encontro situado no tempo, composto pelas vozes que permaneceram em diálogo e que, ao longo do processo, encontraram condições para registrar suas experiências. A forma do livro, portanto, performa a lógica dos processos que busca compreender.

É nesse sentido que este livro é organizado por vozes. Cada capítulo fala desde um lugar específico, assumindo uma posição de enunciação própria e contribuindo para a construção de um campo de reflexão compartilhado. Juntos, eles revelam aquilo que seus autores vivenciam: a convivência entre diferentes modos de compreender, operar e experienciar a inovação no campo urbano e social.

O primeiro capítulo abre o livro com a voz de um programa internacional — o *Actors of Urban Change* —, o que permite situar os laboratórios de inovação cidadã em um campo mais amplo de práticas colaborativas, exemplificando como a inovação pode ser compreendida como processo relacional, sustentado por capacidades coletivas e por arranjos intersetoriais. Em seguida, a voz de uma experiência territorializada e institucionalizada — a do Laboratório de Cidadania pela Inclusão da Comunidade Africana em Aveiro — mostra como esses princípios se materializam em contextos acadêmicos, com seus limites, tensões e possibilidades de impacto. A voz da coordenação e da pesquisa-ação, que apresenta o caso do LabIC Novale no terceiro capítulo, oferece uma chave de leitura conceitual para o conjunto da obra. Ao mobilizar a noção de prática situada, esse capítulo busca explicitar princípios operacionais, arranjos metodológicos e aprendizados acumulados ao longo de quatro anos de atuação. Essa voz dialoga diretamente com as vozes seguintes: a da mentoria, representada pelo relato de acompanhamento de processos participativos no LabIC Novale, e a da experiência sensível, que se debruça sobre as interações, percepções e afetos mobilizados nos encontros laboratoriais. Por fim, o livro se encerra com uma voz reflexiva e comparativa, que coloca em diálogo diferentes experiências de laboratórios acompanhadas ou relacionadas ao LabIC Novale ao longo de suas edições. Em lugar de sintetizar ou concluir

o debate, esse capítulo de fechamento busca reabrir o campo, mostrando a diversidade de arranjos, escalas e formas de atuação que caracterizam os laboratórios, práticas e processos de inovação cidadã. Ao fazê-lo, reforça a ideia de que não há um único caminho possível, mas uma ecologia de práticas que se constituem em relação aos territórios, às pessoas e às instituições envolvidas.

Ao explicitar essa organização por vozes, esta apresentação convida o leitor a percorrer o livro como quem atravessa um conjunto de encontros. Encontros entre diferentes modos de pensar e fazer, entre escalas locais e internacionais, entre teoria e prática, entre método e experiência. Encontros que, como nos próprios laboratórios cidadãos, produzem conhecimento não apenas pelo que dizem, mas pelo que colocam em relação.

Em última instância, este livro afirma uma compreensão compartilhada entre seus autores: laboratórios de inovação cidadã são laboratórios de melhoria da vida em comum. E a melhoria da vida em comum nasce, antes de tudo, de lugares de encontro. Lugares que permitem que pessoas com trajetórias, repertórios e expectativas distintas se reúnem para observar, experimentar, aprender e agir coletivamente sobre questões que afetam a si e a outros. Ao registrar algumas dessas vozes e encontros, esta obra busca contribuir para o campo da inovação cidadã ilustrando experiências de campo e também abrindo espaço para que outras práticas, outros encontros e outras vozes possam emergir.

Laryssa Tarachucky
Dezembro de 2025.

**Joice Biazoto
Naomi Martin**

**CAPÍTULO 1.
A COLABORAÇÃO COMO
MOTOR DA INOVAÇÃO SOCIAL:
A HISTÓRIA DO
ACTORS OF URBAN CHANGE**

**O que os cidadãos podem fazer para tornar suas comunidades mais sustentáveis e mais resilientes?
Como as cidades em crescimento podem integrar melhor os recém-chegados?
Como a vida cívica pode ser renovada em espaços públicos negligenciados?**

Para enfrentar mais eficazmente os complexos problemas urbanos de hoje, precisamos de uma nova maneira de agir: colaborando entre setores e além de fronteiras, e trazendo a cultura local e as vozes dos cidadãos para os processos que moldam o futuro das comunidades – promovendo uma transformação coletiva e duradoura.

No espírito de inovação cidadã, o programa Actors of Urban Change (ACT) ajudou profissionais de diferentes setores e disciplinas a prototipar ideias para enfrentar desafios urbanos e a experimentar novas formas de trabalho em equipe. ACT é uma rede internacional de boas práticas, orientada para a comunidade, que promove o desenvolvimento urbano sustentável na Europa. Implementado pela [MitOst e.V.](#) e financiado pela [Fundação Robert Bosch](#), o programa durou de 2013 a 2023. Durante estes 9 anos, ACT apoiou 120 cidadãos e profissionais urbanos em 36 cidades espalhadas por 28 países da Europa e suas regiões vizinhas, promovendo a colaboração entre atores do terceiro setor e dos setores público e privado.

Para dar o pontapé inicial e criar projetos locais com potencial para desenvolver modelos de inovação social dentro de suas cidades e em todo o continente Europeu, ACT ofereceu várias formas de apoio às equipes de projeto ao longo de um ciclo de 18 meses. Subsídios de 10.000 Euros apoiaram suas atividades e sua aprendizagem ao nível local. Subsídios adicionais ofereceram aos participantes a oportunidade de viajar individualmente para outras cidades da rede para aprender mais profundamente a partir da experiência de seus colegas. Reuniões internacionais com os participantes da rede possibilitaram um intercâmbio profundo sobre temas como gerenciamento de projetos, processos de participação e co-criação, advocacia e muito mais.

Gostaríamos de compartilhar o que aprendemos através do programa ACT pois acreditamos que seja útil para laboratórios cidadãos no Brasil e no mundo, tanto por seu formato inovador voltado para colaborações híbridas, quanto pela simplicidade e eficácia de seus métodos, que focam na conexão humana como ponto de partida e podem ser replicados passo a passo e facilmente adaptados a novos contextos.

PILARES PARA COLABORAÇÕES INOVADORAS

Nem sempre é fácil de navegar os caminhos que levam da ideia inovadora à ação eficaz e com resultados a longo prazo. A partir de nossa experiência acompanhando pessoas desde a primeira conexão em torno de uma ideia até a realização de um projeto com impacto, identificamos três elementos que se mostraram essenciais para criar as condições que permitem que o processo criativo e às vezes confuso de inovação social surja e floresça.

Colaborar entre setores:

O programa Actors of Urban Change (ACT) tinha como objetivo conectar cidadãos ativos em suas cidades além de seus próprios contextos - regiões, tópicos, instituições - e ajudá-los a transformar suas ideias em ação. Em uma era de desafios urbanos complexos, uma transformação profunda e sustentável só pode acontecer se pessoas com ideias, experiências e perspectivas divergentes trabalharem em conjunto. Portanto, o programa ACT investia em parcerias inovadoras entre empreendedores privados, instituições públicas e a sociedade civil, proporcionando-lhes um espaço de experimentação para que pudessem descobrir maneiras novas e criativas de colaborar para melhorar suas cidades.

Cultura de cocriação:

A cultura, como força da transformação urbana, forma lugares que refletem melhor nossa humanidade, onde as pessoas têm o sentimento de pertencer a uma comunidade, e se sentem motivadas a cuidar

do lugar, umas das outras e do futuro. Utilizar o potencial da cultura na prática do desenvolvimento urbano ajuda a facilitar uma participação mais diversificada, aprofundar a compreensão mútua e fortalecer a solidariedade comunitária. Acreditamos que às vezes é necessário um "empurrãozinho" para mudar os costumes locais; o programa ACT fazia isso mostrando o potencial da cocriação. A cocriação dos espaços urbanos pede mudanças nas práticas: uma mudança na cultura de fazer as coisas. Formas antigas de pensar podem criar obstáculos no caminho para a verdadeira transformação. Os laboratórios cidadãos do programa ACT visavam superar tais barreiras, enraizando ideias radicalmente em suas comunidades locais desde o início.

Intercâmbio internacional:

O programa ACT ajudou ativistas urbanos a iniciar e gerar projetos locais que eram modelos de como enfrentar problemas urbanos de forma colaborativa dentro de suas cidades e em toda a Europa. Os projetos funcionaram como laboratórios, apresentando novos métodos e práticas que permitiam a participação de pessoas vindas de áreas profissionais distintas (como pesquisadores, profissionais do terceiro setor, donos de pequenos negócios, professores, e profissionais civis) na transformação urbana. Ao usar e desenvolver o programa ACT como uma plataforma internacional, os participantes se tornaram parte de uma rede de boas práticas, trocando experiências, ajudando uns aos outros através de desafios e inspirando outras redes e projetos em suas próprias cidades e no mundo todo.

Ao acompanhar 40 equipes de cidades de diferentes dimensões e realidades em 28 países da Europa, reconhecemos um padrão de etapas que - não importa qual seja o tema ou a localidade do projeto - foram chaves não só para o desenvolvimento bem-sucedido das atividades mas também para a capacidade colaborativa da equipe. Ao compartilhar esta metodologia, esperamos que sirva de inspiração no desenvolvimento de laboratórios de inovação cidadã pelo mundo.

DA COMPATIBILIDADE AO IMPACTO SUSTENTÁVEL: UM MÉTODO PARA COLABORAÇÕES QUE IMPULSIONAM A TRANSFORMAÇÃO URBANA

O que cria e alimenta a conexão em um mundo de maior isolamento? E como essa conexão pode alimentar uma mudança social mais ampla? Procurando a resposta a estas perguntas, desenvolvemos uma metodologia que apoia equipes híbridas na formação e desenvolvimento de projetos urbanos participativos. Vemos esse método como uma jornada transformadora que as equipes empreendem juntas. É uma jornada que começa com indivíduos conectando-se em torno de uma ideia compartilhada para melhorar e promover qualidade de vida e sustentabilidade em sua cidade.

Passo 1: Desenvolvendo a compatibilidade em equipe

Um dos pilares do programa ACT é a colaboração intersetorial. Isso significa que os participantes aceitos no programa formavam equipes de três, com cada membro da equipe vindo de um setor diferente: público, privado e terceiro setor (iniciativas e organizações não-governamentais, sem fins lucrativos). Algumas dessas equipes já haviam trabalhado juntas anteriormente, enquanto outras se conheceram no programa pela primeira vez. Para desenvolver um bom projeto, as equipes deviam primeiro criar uma base estável para sua colaboração, trabalhando em seus relacionamentos como pessoas e sua compatibilidade como equipe: descobrir (e negociar) valores, expectativas e desejos individuais e compartilhados; descobrir pontos fortes e fracos de cada um; desenvolver uma linguagem e significados comuns; e encontrar o próprio papel dentro do grupo. Tudo isso é crucial para poder aprofundar o trabalho e descobrir: qual é a mudança que queremos ver ao final do projeto? Será que temos um entendimento comum dos problemas que queremos resolver? Quais são as suposições que fizemos ao longo do caminho? Assim começa o trabalho de alinhamento das atividades e objetivos do projeto com uma visão compartilhada.

Passo 2: Convidando à cocriação em comunidade

Depois de criar uma base sólida, as equipes deveriam então olhar para fora e trazer outros ao longo da jornada. A transformação urbana sustentável nunca pode acontecer num vácuo: nossas cidades e bairros são lugares onde inúmeras bolhas se encontram, cada uma com suas próprias necessidades, ideias e sonhos para os espaços que compartilham.

Todos os moradores que são afetados pelo projeto devem ter a oportunidade de desempenhar um papel nele, e não através de uma simples participação simbólica (já que a participação tem sido uma ferramenta mal utilizada durante décadas no planejamento urbano em muitos países). Ao invés disso, convidamos as equipes a praticar a cocriação, ou seja, evitar resultados pré-concebidos em favor da verdadeira inclusão de vozes comunitárias desde as primeiras etapas do planejamento até a conclusão do projeto. Para que isto funcione, é crucial adquirir a confiança da população e criar espaços mais seguros onde pessoas de várias origens, classes sociais, e convicções políticas diferentes se sintam confortáveis para expressar suas necessidades e desejos. Além disso, as equipes devem se conscientizar de seus próprios pontos cegos e privilégios a fim de abordar questões de poder e influência em seus projetos.

Passo 3: Promovendo a transformação sistêmica

Nesta etapa, as equipes têm uma visão compartilhada, não apenas entre eles, mas junto com as comunidades que desejam servir. A equipe e sua comunidade acreditam no projeto e estão prontas para começar a trabalhar. E ainda assim, cada equipe, projeto e vizinhança faz parte de um sistema maior que também influencia o sucesso do projeto a longo prazo. Mas sistemas maiores tendem a mudar muito lentamente, pois têm aversão ao risco e resistem à influência de baixo para cima. O desafio torna-se, então, defender a transformação desejada em uma escala maior: abordar e ganhar aliados em diferentes níveis de liderança e esferas de influência, construir alianças duradouras, trabalhar em conjunto através de bloqueios potenciais, e transmitir a mensagem a um público mais amplo a fim de ganhar tração e apoio para suas ideias. Os projetos locais do programa ACT serviam como um veículo de mu-

dança, experimentando uma grande idéia em uma escala menor, demonstrando apoio da comunidade e instigando conversas mais abrangentes sobre uma maneira diferente de fazer as coisas.

Passo 4: Sustentando o impacto

À medida que as equipes chegam ao final do programa e sua jornada juntas, o trabalho quase nunca é terminado. Em muitos aspectos, está apenas começando. Agora chega a hora de enviar suas visões para o mundo e permitir que elas dêem frutos por conta própria. Embora isso envolva desistir do controle dos resultados, ainda há passos que as equipes podem tomar nesta fase para apoiar o processo, e ajudar a multiplicar e sustentar seus esforços. Isto geralmente envolve refletir sobre o conhecimento adquirido, o que deu certo e o que não funcionou, além de encontrar maneiras de transferir o que a equipe aprendeu para outros projetos e locais.

Finalmente, a jornada se conclui à medida que o processo coletivo se alimenta de uma reflexão pessoal mais profunda, incentivando a pergunta: "O que aprendemos sobre nós mesmos através de nossas colaborações?" Descobrimos que a jornada ACT é um roteiro útil para ativistas, profissionais e cidadãos que buscam iniciar sua transformação a partir de dentro, construir relações profundas e duradouras, e ter maior impacto com suas ações, não importa quão pequenas sejam.

PROTOTIPANDO UMA GRANDE IDEIA EM ESCALA DE VIZINHANÇA: ESTUDOS DE CASO

Cada projeto reúne um conjunto único de conhecimentos, recursos e perspectivas para enfrentar um desafio local. Aqui destacamos apenas algumas histórias. Para explorar a diversidade de projetos implementados através do programa Actors of Urban Change, confira nosso [arquivo de projetos](#).

R-Urban Poplar | Londres, Reino Unido

Objetivo: Combater o desperdício de alimentos com energia comunitária e economia circular.

O diretor de uma empresa local de resíduos, o coordenador de projeto de uma associação de habitação e o projetista de uma consultoria de design urbano se uniram em torno do desejo de repensar a forma como atualmente descartamos os resíduos alimentares nas cidades. Juntos, eles fizeram uma proposta de um sistema de gerenciamento de resíduos em Poplar, bairro localizado no leste de Londres.

O projeto piloto “R-Urban Poplar” uniu a coleta local de resíduos alimentares, seu processamento através de um Digestor Anaeróbico (um conjunto de processos em que os microorganismos degradam a matéria orgânica biodegradável na ausência de gás oxigênio), e sua integração em uma horta comunitária onde os alimentos são produzidos e consumidos através de uma cozinha comunitária alimentada com o biogás produzido pelo digestor.

O modelo localmente sustentável, gerenciado coletivamente por moradores locais, foi projetado para funcionar como um protótipo de como uma comunidade poderia ser treinada para executar um projeto de energia comunitária, reduzindo as emissões de carbono do bairro e oferecendo novas oportunidades de treinamento e emprego.

Através da educação e demonstrando um ecossistema de circuito fechado bem sucedido, o projeto da Equipe Londres oferece outra abordagem para enfrentar os desafios da gestão de resíduos nas cidades, reduzindo a quantidade de lixo produzida e educando os cidadãos no processo.

[Acesse os dados do projeto R-Urban Poplar clicando aqui.](#)

[Acesse os dados do projeto The Path of Memories clicando aqui.](#)

The Path of Memories | Kaisariani, Atenas, Grécia

Objetivo: Co-criar ferramentas de mobilidade com e para idosos diagnosticados com demência

Este projeto foi o resultado de uma colaboração entre uma planejadora urbana, uma especialista em mobilidade sustentá-

vel e o Vice-Prefeito de Educação, Proteção Civil, Turismo e Ecologia. Juntos, procuraram enfrentar vários desafios presentes no município de Kaisariani, em Atenas: a diminuição do senso de comunidade, a falta de infraestrutura de mobilidade adequada, a falta de coesão entre estratégias e estruturas do município e a colaboração interdepartamental limitada, e o enfraquecimento dos processos de participação cidadã na tomada de decisões, planejamento e implementação quando se trata de espaço público.

A equipe criou propostas para o espaço público e a mobilidade no bairro que permitem a movimentação segura e confortável de pessoas com demência; a conscientização e a capacitação do bairro a fim de criar um ambiente amigável para as pessoas com demência e suas famílias/cuidadores; e a criação de estruturas nos processos municipais, o que permite a integração, a sustentabilidade e a transferibilidade da prática.

A própria parceria também serviu como um protótipo para diferentes formas de colaboração no município. Juntos, plantaram a semente da participação cívica nos processos municipais e continuam a procurar oportunidades de colaboração dentro de Kaisariani - que reconhecem como um grande campo de experimentação.

Embora o programa tenha terminado em 2022, a rede ainda está ativa e seus membros continuaram a desenvolver inúmeros projetos e parcerias diferentes. Para saber mais, confira nossa publicação final - **ACT - Past, Present & Futures of Urban Change** - que explora o impacto dos projetos realizados e capta visões de nossa rede sobre como podemos viver, trabalhar e colaborar em nossas cidades futuras.

**José Carlos Mota
Alexandra Ataíde
Rosa Madeira**

**CAPÍTULO 2.
LABORATÓRIOS DE CIDADANIA
PELA INCLUSÃO DA COMUNIDADE
AFRICANA EM AVEIRO**

CONTEXTUALIZAÇÃO

Portugal é o país da Europa e o oitavo do mundo com mais emigração. Segundo o Atlas da Emigração Portuguesa, “há cerca de 2,1 milhões de portugueses a viver noutros países e mais de 1,5 milhões, perto de 15% da população, emigraram nos últimos vinte anos”. Rui Pena Pires, um dos coordenadores do estudo, revelava numa entrevista ao jornal Público que “estamos a perder 60 ou 65 mil pessoas por ano”, sobretudo a população mais jovem, aquela que está em idade de ter filhos e de trabalhar^[1].

Esta circunstância coloca problemas graves ao nosso país em vários domínios: no mercado de trabalho por falta de mão de obra; na natalidade pelo reduzido número de mulheres em idade de ter filhos; na Segurança Social pelo défice de contribuições; na educação por falta de crianças e na vida das aldeias, vilas e até das cidades por falta de famílias, consumo e atividades.

Contudo, nos últimos anos Portugal tem acolhido cidadãos de diferentes países. De acordo com as estatísticas do Eurostat, a 1 de janeiro de 2024 havia mais de 1,6 milhões de cidadãos estrangeiros residentes em Portugal, representando aproximadamente 16% da população nacional. Mais de 1,3 milhões de cidadãos vêm de países fora da Europa (12,6%), sendo que os imigrantes brasileiros representam 35% daquele valor, e mais de 380 000 cidadãos provêm da União Europeia (3,6%).

O contributo das pessoas imigrantes gerou enormes benefícios econômicos, demográficos e culturais para o nosso país: trabalho em setores em que há escassez de mão-de-obra, como é o caso da agricultura, construção civil, hotelaria, serviços domésticos e cuidados a pessoas idosas; contribuições significativas para a Segurança Social (em 2024 dados da Agência para a Integração, Migrações e Asilo (AIMA) mostram que geraram um lucro superior a 2,2 mil milhões de euros no ano de 2023, um valor muito acima do peso demográfico, representando 13,5% dos contribuintes); renovação demográfica, segundo o Instituto nacional de Estatística (INE) 25% de todos os nascimentos em Portugal são de famílias imigrantes; e, novas expressões culturais e artísticas que nos enriquecem

^[1] Fonte: Público.

como povo.

Segundo os dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), em 2021 havia no concelho de Aveiro cerca de 5850 migrantes legais, representando cerca de 7,2% da população, com 111 nacionalidades. Do total dos migrantes, 11,9% vinham dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). Muitos destes migrantes oriundos dos PALOP vêm estudar para a Universidade de Aveiro (UA), representando 30% dos alunos internacionais, sendo que 42% vêm para o 1.º ciclo, 28% para o 3.º ciclo (doutoramento) e 24% para o 2.º ciclo (mestrado).

O presente capítulo discute a implementação de um laboratório de cidadania intercultural em Aveiro, realizado de 2021 a 2022, que constituiu um exercício de inovação cívica com jovens africanos lusófonos residentes na cidade, em particular os que estudam na Universidade de Aveiro.

Esta iniciativa de inovação cidadã visou «promover espaços de interação, partilha de competências e capacidades dos jovens provenientes dos PALOP, sobretudo estudantes e graduados, para a ativação de uma cidadania intercultural responsável, feita a partir das redes sociais formais e informais, animadas pela Associação Mon na Mon, um dos parceiros do projeto, e assentes na partilha de sentimentos de pertença cultural e na procura de soluções, pelos jovens, para desafios relacionados com a sua trajetória académica na cidade de Aveiro»^[2].

Além dos parceiros já citados, a parceria integrou ainda um parceiro privado, a AIDA CCI – Câmara de Comércio e Indústria do Distrito de Aveiro, que «potenciou o estabelecimento de relações mais próximas entre os estudantes/graduados e a oferta/procura do tecido empresarial e de inovação tecnológica do concelho, bem como garantiu a mobilização de apoios, recursos e/ou investimento nas iniciativas a ser desenvolvidas»^[3]. O laboratório foi cofinanciado por um investidor social, o Grupo Prifer, que acompanhou o projeto nas suas diversas etapas através de um colaborador.

^[2] Texto integrante do Relatório Final do Projeto LABIC Aveiro.

^[3] Idem.

Um laboratório de cidadania, também designado por laboratório de inovação cidadã, é um instrumento de cocriação e prototipagem de projetos cidadãos. Pensado como espaço para identificar e responder a problemas do quotidiano, o laboratório visa testar novas formas de os compreender e resolver. O objetivo é criar novo conhecimento e prototipar soluções para problemas urbanos por meio da experimentação controlada, permitindo testar com risco calculado: se o resultado não for exatamente o desejado, os impactos são minimizados, mas, se for bem-sucedido, as soluções podem ser escaladas ou replicadas. Independentemente dos resultados, o processo e a aprendizagem podem melhorar a governança local.

Este instrumento de inovação cidadã, focado na ativação comunitária e da inteligência coletiva que aquela detém, emerge num quadro mais global de inovação social e de inovação pública. Mais centrado em inovação de impacto, o laboratório envolve organizações do terceiro setor e da administração pública que comungam dos mesmos princípios de desenvolvimento, de conhecimento e de capacitação dos envolvidos, colocando-os no papel de protagonistas, mais do que no de apenas beneficiários.



Figura 1: As dimensões operativas e conceituais dos Laboratórios Cívicos Urbanos
Fonte: adaptado de Mota e Ataíde (2023)

Os laboratórios desenvolveram-se nos últimos anos a partir de várias referências: pelo desenvolvimento teórico da governança dos comuns, promovida por Elinor Ostrom, Prêmio Nobel da Economia; pelo debate acadêmico e prático em torno das questões da colaboração e da cocriação; e, por fim, pela terri-

torialização destas práticas em torno das cidades e dos bairros, na qual o projeto Experimenta Distrito, promovido pelo MediaLab Prado em Madrid, foi um dos expoentes, inspirador de práticas semelhantes na América Latina e na Ibéria.

Em Portugal, houve um enorme desenvolvimento destas práticas nos últimos anos, em resultado de uma aproximação de investigadores e técnicos portugueses às dinâmicas colaborativas que em Madrid se foram promovendo.

Os últimos anos foram particularmente relevantes para as práticas da inovação cívica em Portugal, com o a tabela demonstra.

LABIC'S EM PORTUGAL		
ANO	LABIC	CIDADE
2019	Lab Cívico de Santiago	Aveiro
2020	Cidadania Lab	Aveiro
2021	Bibliotecas de Lisboa	Lisboa
2022	Laboratório pela Inclusão	Maia
2022	LABIC Aveiro, Laboratório de Cidadania Intercultural	Aveiro
2022	LABIC Barreiro Velho	Barreiro
2023	Laboratório de Cidadania pela Transição Climática	Matosinhos
2024	Laboratório de Cidadania pela Proximidade Urbana	Ílhavo
2024	Laboratório de Cidadania pela Gestão da Água	Maia
2024	Laboratórios de Comunidade Cigana da Anta, Lagielas e Coriscos	Maia

Antes do LABIC Aveiro, foram promovidos dois laboratórios cívicos na cidade. O Lab Cívico de Santiago, criado em 2019, foi o primeiro laboratório criado por iniciativa de cidadãos em Portugal, oferecendo um espaço onde estes colaboraram na criação de conhecimento e de soluções práticas para problemas identificados pela comunidade. Em seguida, surgiu o Cidadania Lab, o primeiro laboratório cívico municipal, idealizado pelo coletivo Vizinhos de Aveiro, que se consolidou em 2020/21 como um modelo de governança compartilhada no âmbito do Orçamento Participativo com Ação Direta da Câmara Municipal de Aveiro, ampliando a participação e o envolvimento dos cida-

dãos na tomada de decisões e na solução de desafios locais.

O LABORATÓRIO DE CIDADANIA INTERCULTURAL DE AVEIRO - LABIC AVEIRO

O problema da integração dos estudantes africanos na vida acadêmica e social estava registado há muito. Vários docentes da Universidade de Aveiro (UA), entre os quais os autores deste capítulo, identificaram dificuldades de participação dos alunos africanos nas suas aulas e em grupos de trabalho, resultado da sua chegada tardia por via do atraso na obtenção dos vistos ou por maior insegurança provocada pelo domínio ainda reduzido das competências linguísticas (da língua portuguesa de norma europeia) ou tecnológicas (uso do computador e do software mais comum, como é o caso dos programas Word, Excel ou Powerpoint). Intuíu-se que esta dificuldade de integração académica podia ter como consequência outras formas de exclusão, nomeadamente social, cultural e profissional.

Este assunto merece um acompanhamento institucional robusto pela UA, com um trabalho consistente e regular no apoio aos estudantes internacionais, por meio da UA Intercultural, um serviço de orientação e apoio aos estudantes de nacionalidade estrangeira, e do Centro Local de Apoio à Integração de Migrantes (CLAIM). A UA foi a primeira universidade em Portugal a receber um CLAIM.

O apoio da UA aos estudantes internacionais tinha várias vertentes, nomeadamente o apoio à legalização, o acolhimento e apoio à chegada (programa BUDDY), e a realização de vários eventos de promoção da interculturalidade, dinamizados por uma equipe muito competente e dedicada.

Face a este conjunto de circunstâncias, umas equipes de investigadores da UA sentiram que era possível experimentar outras formas de envolver os alunos no seu processo de integração, colocando-os não só como destinatários, mas também como protagonistas. Assim, tirando partido da experiência já citada em processos participativos e em projetos ligados à interculturalidade dos seus investigadores, um dos investigadores membro da Rede de Ensino Superior para a Mediação

Intercultural (RESMI), foi sugerido desenvolver uma parceria com a Fundação Aga Khan Portugal, que há muitos anos promove experiências de inovação comunitária, sobretudo na região de Lisboa e envolvendo comunidades mais desfavorecidas, o que oferecia um capital de experiência e competência de enorme valor.

A candidatura do LABIC Aveiro surgiu neste enquadramento, tendo sido submetida e aprovada no âmbito do Programa 'Parcerias para o Impacto' da iniciativa Portugal Inovação Social.

Importa sublinhar que este programa habitualmente não financiava projetos intermédios, como é o caso dos laboratórios de cidadania, em que a solução de impacto não estivesse predefinida e clarificada à partida. Foi a partir das experiências bem-sucedidas neste âmbito que o programa alargou os seus critérios de financiamento.

O conjunto de parceiros mobilizados foi escolhido de acordo com critérios determinantes para que a inclusão acontecesse: trazer organizações que pudessem mobilizar os potenciais interessados e tivessem experiência de trabalho com comunidade migrantes (foi por isso que surgiu a Associação Mon na Mon), assim como envolver o tecido produtivo regional que se identificasse com esta causa da integração, tendo sido nesse quadro que se envolveu a AIDA CCI – Câmara de Comércio e Indústria do Distrito de Aveiro, que teve um papel essencial na sensibilização do Grupo Prefer para a sua constituição como investidor social.

O objetivo principal expresso na candidatura foi contribuir para a inclusão social, cultural, académica e profissional dos estudantes africanos residentes em Aveiro. Foram definidas os seguintes indicadores e metas: a participação de 100 jovens em dinâmicas de cidadania intercultural, a perceção de 50 jovens dos países da CPLP sobre uma melhoria no sentimento de integração e a implementação de soluções para promover a cidadania e a interculturalidade por parte de 10 jovens.

A metodologia proposta envolvia a participação de alunos, graduados e profissionais//trabalhadores africanos lusófonos na identificação de problemas e na construção e experimentação de propostas de solução. O objetivo era explorar novas formas de integração que permitissem aos estudantes deixarem de ser apenas beneficiários de apoios, passando a afirmar-se como protagonistas do seu futuro e da sua integração na comu-

nidade e no mercado de trabalho. Além disso, considerou-se que este processo poderia também contribuir para equacionar um retorno apoiado aos países de origem, valorizando o impacto positivo que estes jovens, com capacidades e conhecimento científico mais desenvolvidos, poderiam ter no seu desenvolvimento futuro.

Naturalmente, existe a consciência de que a integração é um processo gradual, complexo, lento e contraditório, com inúmeras barreiras. Porém, um contexto de isolamento favorecia um esforço de tentar ir mais além.

Um dos elementos nucleares foi a criação de espaços físicos de escuta na universidade e na cidade que funcionassem como lugares de encontro da comunidade africana, e também nacional. Lugares onde pudessem emergir e tomar forma diálogos para um conhecimento mútuo e identificação dos principais problemas e dificuldades, gerando aprendizagem e dando visibilidade e centralidade à agenda de transformação da comunidade, através de projetos de cidadania intercultural.

Nesse sentido, a sede da Associação Mon na Mon foi essencial para o arranque do laboratório, uma vez que é a sede da comunidade africana em Aveiro, sobretudo da comunidade guineense, localizada no bairro de Santiago, estando próximo da UA e do centro da cidade. Este espaço passou a acolher as principais atividades do LABIC e a funcionar como o centro gravitacional dos vários grupos de projetos.

O arranque do laboratório de cidadania intercultural surgiu num quadro global favorável para o qual também contribuiu o fortalecimento e estruturação do tecido cívico e associativo que trabalha em domínios ligados à cooperação, ambiente, mobilidade e juventude. Estas organizações estão a adotar novos formatos mais horizontais de organização institucional, com maior permeabilidade à colaboração e à experimentação, envolvendo grupos cívicos, autoridades locais, universidades e até o setor privado, para criar conhecimento através de projetos e transformando-o em ação mais robusta que gere mudança social.

ETAPAS DO LABIC AVEIRO

O LABIC teve um desafio inicial que foi o de colocar novos par-

ceiros a trabalhar. Impunha-se agilizar uma equipe diversa, constituída por cinco organizações, com trajetórias profissionais e competências distintas e complementares. Definiram-se dias de encontro, locais de trabalho e plataformas digitais de comunicação. Além disso, organizou-se uma sessão de partilha de experiências entre os membros da equipa, algo que se provou vir a ser muito importante.

O representante do investidor social integrou o grupo de trabalho, o que não é comum noutros programas de “Parcerias Para O Impacto”, e isso enriqueceu de sobremaneira o processo, pois permitiu informar o seu desenvolvimento, compreender as dificuldades e assegurar que o financiador e a própria equipa da organização se sentiam confortáveis e realizados com o apoio.

O trabalho estruturou-se nas seguintes quatro etapas principais: i) definição dos pilares da integração; ii) produção do diagnóstico participativo; iii) criação de Projetos de Inovação Comunitária (PIC); e, por fim, iv) experimentação dos PIC.

ETAPA 1 - PILARES DA INCLUSÃO

Previamente ao arranque do diagnóstico colaborativo, foi construído um instrumento de avaliação do impacto na integração. Esta construção foi inspirada no trabalho de Landecker (1951), que refletiu sobre a noção de integração e sublinhou a sua natureza multidimensional, nomeadamente a cultural, a normativa, a comunicativa e a funcional. O autor chamou a atenção para a necessidade de medir a integração.

Partindo dos estudos de Landecker, a reflexão sobre as dimensões de análise da integração de migrantes permitiu identificar cinco pilares que seria fundamental analisar: 1) académico, 2) social, 3) cultural, 4) profissional e 5) territorial.

O primeiro pilar, **académico**, explicita a forma como o aluno se integra na vida estudantil, desde a escolha do curso, à capacidade de realizar as aprendizagens necessárias, passando pelo seu bem-estar na sala de aula e até ao sucesso escolar.

Sabemos que a integração académica é essencial para o sucesso dos estudantes, especialmente aqueles vindos de contextos culturais, geográficos e linguísticos profundamente distintos. A existência de serviços de acolhimento e acompa-

nhamento ajudam-nos a adaptar-se ao ambiente universitário, e estar a estudar num curso que vá ao encontro dos seus interesses aumenta o seu bem-estar e o sentido de pertença ao novo contexto. A compreensão da língua e dos conteúdos é facilitada pelo apoio dos professores, que devem estar atentos às dificuldades de literacia, além da oferta de aulas suplementares, como é o caso da Língua Portuguesa (Português de Portugal) e Tecnologias de Informação, Comunicação e Eletrônica (TICE). Participar em grupos diversos dentro da turma promove a inclusão e o apoio entre colegas.

Para alcançar o sucesso acadêmico, é importante que o estudante tenha apoio para cumprir com as unidades curriculares, manter um bom desempenho e concluir o curso. Após a graduação, o acesso à formação contínua e profissional oferece novas oportunidades, caso o aluno deseje explorar novas áreas. Por fim, sentir-se valorizado como aluno fortalece a sua autoestima, motivando-o para os estudos e para explorar todo o seu potencial.

O segundo pilar, **social**, incorpora os fatores relacionais dos jovens nomeadamente a necessidade de ter pessoas conhecidas e de fazer amizades, frequentar lugares onde as pode construir, ou seja, ter condições que contribuam para que se sinta acolhido, mas também o acesso aos serviços essenciais como a saúde, cultura, desporto e apoio social.

A integração social é importante para que o estudante se sinta parte da comunidade universitária e da cidade. Ter pessoas conhecidas que o cumprimentam no campus ou na cidade e fazer amizades com pessoas de outras nacionalidades ajudam a criar raízes, a ampliar o horizonte cultural dos estudantes e reforçam os seus laços relacionais.

Para assegurar o bem-estar, é também importante que o estudante tenha acesso a uma alimentação saudável, além de serviços de saúde e apoio social. O acesso facilitado (e sem ser pago) à cultura, ao desporto e ao lazer também contribui para enriquecer a experiência de socialização. O suporte oferecido por associações de imigrantes e pelos serviços académicos reforça o sentimento de segurança e orientação num ambiente desconhecido.

Por último, sentir que a sua religião e a sua cultura são respeitadas e valorizadas fortalece a identidade do estudante. Ao envolver-se em organizações ou em processos participativos

sobre a cidade, sente-se ainda mais integrado e ativo, contribuindo para a diversidade e o desenvolvimento locais.

O terceiro, **cultural**, exprime a forma como língua e as expressões culturais e artísticas são valorizadas, num contexto de multiculturalidade. O intercâmbio cultural, através de eventos ou de práticas mais personalizadas, é vital para a convivência entre pessoas e enriquece a vida comunitária. A partilha pode fortalecer as identidades individuais e criar um ambiente social diversificado, com novas formas de expressão.

Por último, o acesso a produtos alimentares dos países de origem contribuiu para manter as ligações culturais e oferece conforto.



Figura 2: Pilares da inclusão
Fonte: UA

O quarto, **profissional**, aborda o acesso ao mercado de trabalho e a forma como valoriza as suas competências e aprendizagens.

A integração profissional nas áreas para os quais obtiveram formação é fundamental para garantir um sentimento de valorização. Um primeiro passo importante é o reconhecimento a-

tempado das qualificações académicas obtidas nos países de origem, permitindo que os profissionais se integrem no mercado de trabalho sem obstáculos desnecessários. Além disso, o apoio na procura de emprego e na preparação para provas de recrutamento aumenta as oportunidades de sucesso.

Obter um emprego não é suficiente se não estiver associado um salário justo e livre de discriminação em razão do seu país de origem. O acesso a microfinanciamento ou redes de networking entre migrantes e não migrantes pode ser essencial para o lançamento de ideias de negócio. Por fim, a disponibilidade de ATL para os filhos compatíveis com o horário de trabalho é fundamental para assegurar uma vida justa e equilibrada.

Por último, o pilar **territorial** revela o acesso à habitação e aos transportes a um preço justo, acessível e próximo da escola e do trabalho, mas também a possibilidade de fruição do espaço público nos lugares de residências, oferecendo oportunidades de socialização e de desenvolvimento pessoal.

DIMENSÕES DE INTEGRAÇÃO	INDICADORES DE MEDIÇÃO
ACADÊMICA	<ul style="list-style-type: none"> • Ter acesso a serviços de acolhimento e acompanhamento; • Entrar num curso de que se gosta; • Compreender a língua e os conteúdos; • Dispor da atenção dos professores para a questão da língua ou da literacia; • Ter aulas de apoio suplementares (Língua Portuguesa, TICE); • Participar em grupos diversos na turma; • Ter sucesso escolar (fazer unidades curriculares, ter boas notas, concluir o curso); • Dispor de acesso à formação contínua após o curso de graduação; • Dispor de formação profissional para mudança de área de trabalho; • Perceber que se é valorizado enquanto aluno e agente educativo pela cultura, etnia, conhecimento, entre outras dimensões que fazem parte da sua identidade.
SOCIAL	<ul style="list-style-type: none"> • Ter pessoas conhecidas que o cumprimentam na rua ou no campus; • Fazer amigos (na turma, na universidade e na cidade); • Fazer amigos que não da sua nacionalidade; • Ter lugares onde encontra amigos e conhecidos (universidade e cidade); • Dispor de alimentação saudável e barata; • Dispor de condições de acesso à saúde, saúde mental e apoio social; • Dispor de condições especiais para acesso à cultura, desporto e lazer; • Ter apoio de associação de imigrantes; • Usufruir de um serviço de apoio ao imigrante promovido pelo município/comunidade; • Estar envolvido em coletividades ou associações locais; • Ser ativista ou participar nas decisões sobre o futuro da cidade; • Sentir que respeitam a sua religião; • Perceber que a cidade valoriza o multiculturalismo;

SOCIAL	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber que os serviços públicos comunicam para as comunidades migrantes (utilizando a sua língua ou demonstrando preocupações com características étnicas); • Ter a sua identidade.
CULTURAL	<ul style="list-style-type: none"> • Partilhar a cultura (língua, artes, tradições, modernidades); • Conhecer a cultura local e de outros países; • Aceder a eventos onde se promova a multiculturalidade; • Participar em iniciativas de criação artística e cultural; • Criar novas formas de expressão cultural; • Poder comprar produtos alimentares dos seus países de origem.
PROFISSIONAL	<ul style="list-style-type: none"> • Ter reconhecidas as qualificações académicas do país de origem de forma rápida e barata; • Dispor de apoio na procura de emprego e na preparação para provas de recrutamento; • Ter emprego; • Ter emprego na área de formação; • Receber salário justo e sem discriminação em razão do seu país de origem; • Criar (ajudar a criar) um negócio/empresa/organização; • Ter acesso a (micro)financiamento para criação de negócio; • Dispor de redes de networking entre migrantes e não migrantes para gerar ideias; • Ter serviços de apoio no acolhimento dos filhos durante o horário laboral.
ESPACIAL	<ul style="list-style-type: none"> • Ter habitação a um preço justo e numa localização adequada; • Ter transportes para aceder ao trabalho, escola e serviços; • Ter acesso a espaços de lazer, cultura e desporto; • Haver disponibilidades de espaços coletivos para organizar atividades culturais; • Sentir pertença ao lugar (gostar do bairro onde se vive, estar disponível para o defender).

A reflexão sobre os pilares da inclusão foi fundamental para preparar o modelo de avaliação de impacto do projeto e para criar um esboço de quadro conceitual e operativo para compreender o fenómeno da imigração.

Aquela ferramenta foi posteriormente utilizada num encontro de estudantes vindos dos PALOP em Aveiro, que juntou mais de 120 participantes no 1º Encontro Nacional – Repensar a Vida Académica, e que produziu um retrato muito alinhado com aquele que os participantes do LABIC Aveiro fizeram.

ETAPA 2 - DIAGNÓSTICO COLABORATIVO

Perante um contexto de elevada precariedade, instabilidade e novidade, foram vencidas barreiras como o desconhecimento

e/ou não a não compreensão do projeto, ou mesmo o receio ou reduzida confiança. O êxito da mobilização para uma ação coletiva assentou sobretudo na atitude de ir ao encontro dos jovens, dentro da UA e no bairro, as conversas e o passa-a-palavra entre os jovens.

Foram organizados vários encontros participativos para escutar os membros da comunidade africana lusófona, particularmente estudantes, e recolher e compreender os problemas que os preocupavam, alinhadas com um esforço pedagógico de oferecer ferramentas para dar consequência ao exercício, mostrando que não íamos ficar pelas palavras, mas passar à ação.

Para muitos membros da comunidade acadêmica não é evidente o esforço que os alunos africanos têm de fazer. Chegam a um país desconhecido e iniciam sozinhos uma vida nova num contexto mais fechado e individualista, que contrasta com o ambiente comunitário e familiar onde cresceram. Ao contrário dos seus pares portugueses, o apoio familiar não está à distância da viagem de fim de semana: há muitos alunos que passam anos sem regressar a casa e rever os familiares e amigos.



Figura 3: Workshop Colaborativo LabIC Aveiro

Fonte: UA

A língua portuguesa tem diferentes variantes e, por esse motivo, o Português europeu não é bem igual ao Português no seu país de origem, onde, para além da língua oficial, falam ou-

tras línguas e dialetos na cidade e em casa. Por fim, chegam com recursos financeiros que estão muito abaixo do nível de vida em Portugal.

Procurou-se que este diálogo fosse igualmente mediado por alunos portugueses e assim foram envolvidos estudantes dos cursos de Administração Pública e Design, o que permitiu que alguns laços e encontros improváveis fossem criados.

No final de quatro sessões, o retrato ficou claro. Identificaram-se cinco causas principais para não se alcançar uma integração plena^[4]: (1) desajustamentos entre as expectativas e a realidade encontrada, bem como a chegada tardia relacionada com os atrasos nas obtenções de vistos; (2) fragilidades nas competências académicas, sobretudo na Língua Portuguesa (Português de Portugal), Matemática e Competências Digitais com impacto direto no acolhimento na sala de aula e nos grupos de trabalho com colegas portugueses; (3) escassez de espaços de encontro e redes de apoio; (4) reduzidas oportunidades para dar a conhecer a sua riqueza cultural; (5) elevado custo de vida, em particular na habitação, face aos rendimentos dos países de origem. Em consequência disto, os resultados académicos são afetados, levando frequentemente ao abandono escolar, as relações sociais próximas com colegas portugueses são raras ou inexistentes; e a integração profissional é maioritariamente precária e fora da área de formação.

Nesta fase, incentiva-se a criação de grupos de trabalho que possam desenvolver o seu PIC através do preenchimento da ficha de projeto com os seguintes campos:

FICHA DO PIC - LABIC AVEIRO			
1	Equipe PIC	8	Descrição do projeto
2	Responsável LABIC	9	Planeamento das atividades a realizar
3	Objetivos	10	
4	Dimensão do diagnóstico participativo	11	Recursos necessários
5		12	Parceiros
6	Competências e talentos	13	Orçamento
7	Mudança desejada	14	Continuidade
	Público-alvo		Impacto da integração

^[4] Ver: bit.ly/48W0uhq

Equipe PIC (proponentes e colaboradores)

A ficha de projeto inclui a definição da Equipe PIC, composta por proponentes e colaboradores, e do Responsável LABIC, que coordena a equipe, orientando as ações; os objetivos do projeto, com foco na sua definição, justificação e inovação, e um diagnóstico participativo para identificar o problema a ser resolvido. O projeto mapeia as competências e talentos existentes e necessários, detalha a mudança desejada e o impacto, e define o público-alvo interno e externo. A descrição do projeto e o planeamento das atividades indicam as etapas e a duração, enquanto os recursos necessários cobrem os espaços, materiais e recursos humanos. O projeto também mapeia parceiros, detalhando o tipo de parceria e os seus objetivos, e apresenta um orçamento, com custos unitários e quantidades. Para assegurar a sustentabilidade, avalia-se a sua continuidade e o impacto da integração esperado, proporcionando uma visão clara de como o projeto contribuirá para uma transformação positiva na comunidade. Esta estrutura proporciona uma abordagem organizada e eficaz para o desenvolvimento de projetos de inovação comunitária, ajudando a assegurar clareza, transparência e impacto duradouro.

Objetivos do PIC

No decorrer das sessões, foram geradas sete ideias.

LISTA DE PIC		
PIC		PÁGINA NO INSTAGRAM
1	Acolhimento ao aluno africano	@acolhimento_aluno_africano
2	SABI+: rede de apoio ao estudo	@sabimais.labic
3	Milártica: inclusão pela arte	@milartica
4	Empreendedorismo africano	@empregoempreender
5	Sabura: gastronomia africana	@saburaaveiro
6	Nós disporto: desporto pela inclusão	@nos.disporto
7	Mais mundo	@labicaveiro

O primeiro PIC, Acolhimento ao Aluno Africano, visou melhorar o acolhimento através de uma mais fácil organização dos apoios e serviços numa plataforma de fácil acesso e da criação de um kit, bem como da organização de eventos de convívio e bo-

as vindas em diversos locais da cidade (cafés, bares, associações). O segundo, Sabi+, propôs um sistema gratuito de apoio ao estudo de Português e de formação para o desenvolvimento de competências digitais numa lógica colaborativa. O terceiro, Milártica, promoveu o valor da cultura e das artes como ponte para uma maior inclusão e, para tal, criou um espaço informal de ensino e criação artística lusófona, juntando várias disciplinas, assim como momentos de reflexão crítica. O quarto, Empreendedorismo Africano, promoveu iniciativas de sensibilização para o apoio à empregabilidade e empreendedorismo, favorecendo a entrada dos graduados no mercado de trabalho. O quinto, Sabura, explorou o potencial da gastronomia africana como espaço de aproximação cultural e como micro-negócio. O sexto, Nós Desporto, trabalhou o desporto como campo de reforço dos laços multiculturais e organizou atividades em espaços formais e informais, dando vida à cidade, articulando-se com os clubes da cidade para oferecer oportunidades de acesso aos alunos africanos. O sétimo, Mais Mundo, promoveu o conhecimento e o acesso a lugares da cidade e do país aos jovens africanos.

Apresentação pública ao júri e à comunidade

Um momento relevante do amadurecimento gradual dos PIC foi a sua apresentação a um júri constituído por representantes das entidades parceiros do LABIC e organizações locais, momento este que aconteceu na Universidade de Aveiro no dia 26 de maio de 2022. O júri, do qual fizeram parte, entre outros, Filipe Almeida, da EMPIS, e Maria João Ruela, assessora da Presidência da República, ouviu os proponentes e comentou as propostas, oferecendo sugestões e dando recomendações. O evento, que encheu o auditório da Livraria da UA, foi uma oportunidade de colocar os jovens perante a necessidade de falar em público e de defender o projeto que desejavam concretizar, sendo uma forma de dar visibilidade a esta causa.



Figuras 4 e 5: Apresentação dos projetos ao júri e à comunidade

Fonte: UA

Dois meses depois, realizou-se um evento de apresentação dos PIC no Bairro de Santiago, para celebrar seis meses de trabalho conjunto e ir ao encontro da comunidade do bairro. Assim se festejou o sentido de comunidade no espaço público e agradeceu a quem tão bem sabe cuidar dela, como é o caso do café O Cantinho de Santiago, um lugar de acolhimento, de escuta e de integração, e um apoiante do LABIC.

Bootcamps

Os bootcamps são eventos intensivos e imersivo, habitualmente em locais que convidam à reflexão e colaboração. Para ajudar a criar sentido de grupo e planear a execução dos projetos, foram realizados dois eventos. Um, no início, na etapa da criação dos PICs, que aconteceu a 2 de maio de 2022 na ilha da Purificação, bem no meio da ria de Aveiro, só com acesso marítimo. Um segundo, em Oliveira do Bairro, entre os dias 24 e 26 março de 2023, num centro de formação escutista, para a preparação do evento final – Gala LABIC -, que foi celebrada a 15 de abril 2023.

O primeiro evento foi um momento fulcral para a criação da coesão dos grupos proponentes e para a clarificação das ações a realizar. Mais do que para o projeto, o fim de semana de imersão foi um momento de festa e convívio para os jovens envolvidos. Aquando da dinâmica dos testemunhos, os alunos que participaram no bootcamp expressaram-se com entusiasmo, descrevendo o evento como um renascimento e o melhor momento que passaram em Portugal. Destacaram a união como base para alcançar sonhos e mencionaram como ganharam confiança, superando problemas e medos, inclusive o de falar em público. Sentiram-se honrados com a convivência, que lhes trouxe segurança para além da família, e saíram com esperança de que as suas vidas e as dos demais estudantes vão melhorar. Cada conquista individual foi vista como uma vitória coletiva, e todos regressaram à cidade e à UA... com o coração cheio e motivados para criar projetos com impacto.

O segundo bootcamp ajudou a preparação do evento final, a Gala LABIC, celebrada a 15 de abril 2023.

EXPERIMENTAÇÃO DOS PIC E GALA LABIC

Os sete PIC geraram mais de 50 iniciativas. Durante os meses de implementação, quase um ano, foi possível experimentar a

integração social e cultural através das artes, do desporto e do acolhimento, mostrando como os diálogos, as expressões artísticas e os convívios aproximam e criam sentido de pertença. Foram também construídas pontes para uma integração académica, através de modelos de colaboração e interação em domínios essenciais do conhecimento e da aprendizagem, desde o uso do computador ao ensino da Língua Portuguesa de norma europeia, matérias essenciais para prevenir o abandono escolar. Por último, foi possível verificar como a gastronomia e o empreendedorismo africanos podem ser uma inspiração para novas respostas de empregabilidade e de integração profissional.

PIC	PRINCIPAIS ATIVIDADES
1 Acolhimento ao aluno africano	<ul style="list-style-type: none"> • Organização de eventos regulares (mensais) de acolhimento e convívio de jovens africanos, promovidos pelos próprios, em vários locais da cidade onde não costumam ir; • Oficinas de capacitação na organização de eventos; • Oferecer experiências apoiadas de articulação com instituições locais.
2 SABI+: rede de apoio ao estudo	<ul style="list-style-type: none"> • Implementação de modelos gratuitos de apoio ao estudo e à aprendizagem, mobilizando voluntários e organizações parceiras... um curso de desenvolvimento de competências digitais, conduzido por um estudante africano licenciado em informática e por um profissional de informática português (duas edições), e sessões de apoio ao estudo de Português por professores voluntários. • Realização de reuniões colaborativas entre unidades e projetos de apoio aos estudantes da UA com o propósito de unir esforços e convergir respostas, envolvendo jovens vindos dos PALOP com serviços e profissionais da universidade.
3 Milártica: inclusão pela arte	<ul style="list-style-type: none"> • Organização de eventos artísticos promovidos pelos jovens africanos (Sara Cultural; seminários de política, literatura e cinema; cursos de dança e cursos de música); • Criação de novas formas de expressões culturais contemporâneas e representatividade das culturas africana e lusófona; • Participação em eventos como convidados (Festival da Lusofonia Coimbra); • Criação de redes com parceiros culturais e artísticos (Casa da Comunidade Sustentável, Recreio Artístico, Grupo Experimental de Teatro da Universidade de Aveiro, Centro Universitário Fé e Cultura)
4 Empreendedorismo africano	<ul style="list-style-type: none"> • Organização de visita a empresas (Grupo Prifer); • Realização de oficinas de apoio ao empreendedorismo africano, organizadas pelos proponentes.
5 Sabura: gastronomia africana	<ul style="list-style-type: none"> • Criação de um serviço de take-away de comida africana.
6 Nós disporto: desporto pela inclusão	<ul style="list-style-type: none"> • Organização de eventos desportivos; • Parcerias com os clubes desportivos da cidade.

PIC		PRINCIPAIS ATIVIDADES
7	Mais mundo	<ul style="list-style-type: none"> Organizar o LABIC Summer, umas férias no Algarve para jovens africanos, beneficiando da rede de parceiros que se envolveram no projeto.

A Gala LABIC realizou-se a 15 de abril 2023 e foi o corolário de todo o trabalho realizado. O mote da festa, To be continued, refletiu bem o apelo dos jovens para que este esforço da promoção da interculturalidade não termine.

Referiu-se no evento que a integração de pessoas de proveniências, culturas e nacionalidades diferentes num novo lugar é algo muito exigente e não deve ser um exercício de mera curiosidade exótica sobre a origem, costumes e hábitos gastronômicos. E também não pode ser algo superficial, à flor da pele, mas tem de ir ao fundo e chegar ao íntimo da pessoa, aos seus valores e sentimentos. Só assim esse processo longo de “fazer parte” de uma nova realidade social e académica se poderá iniciar e aprofundar.

O evento serviu para mostrar os resultados alcançados e também para prestar contas. Estiveram presentes mais de 200 participantes na festa, que teve como um dos pontos altos a apresentação do trabalho desenvolvido pelos quase 40 jovens nos seis projetos de inovação comunitária.

As palavras finais dos representantes do financiador e do investidor social, [Alexandra Neves](#), da [Portugal Inovação Social](#), e Carlos Neves, administrador do Grupo Prifer, foram importantes, porque reconheceram o mérito e qualidade do trabalho realizado. O investidor social, uma empresa com enorme sentido de responsabilidade social para com os jovens e o seu papel nos países de origem, demonstrou abertura para apoiar a continuidade. De uma forma delicada e profunda, foram ao encontro do mote da festa.



Figuras 6 e 7: Gala LABIC

Fonte: LABIC Aveiro

BALANÇO E IMPACTO

O balanço do LABIC Aveiro é extremamente positivo. Um ano de trabalho permitiu criar sete PIC, promovidos por 36 proponentes que mobilizaram mais de 1000 participantes. A diversidade dos temas nos projetos cobriu os principais problemas do diagnóstico e proporcionou a experimentação de respostas inovadoras promovidas pelos próprios alunos africanos, o que os capacitou e mudou.

O resultado demonstra o potencial da inovação social promovida pelos laboratórios de cidadania, que permitem desenvolver novas soluções para problemas complexos da sociedade, como a integração de migrantes em contextos sociais e acadêmicos. O sucesso alcançado deve-se principalmente ao papel central desses jovens como protagonistas de seu próprio futuro.

A conclusão do LABIC destaca resultados significativos para a integração, com o envolvimento ativo e a liderança dos jovens na identificação de problemas e na criação de soluções, oferecendo novas respostas como cursos de competências digitais; seminários de política, cinema e literatura; sessões de acolhimento e micronegócios de gastronomia. Além disso, o projeto gerou novas redes de contato entre alunos e parceiros, bem como redes de suporte entre os alunos, ampliou a visibilidade e compreensão dos desafios enfrentados pelos estudantes africanos e impulsionou mudanças no ecossistema de inovação social da Universidade de Aveiro e da comunidade.

A avaliação do impacto do projeto foi feita recorrendo a diversas metodologias, entre elas a resposta a um inquérito no início e no final do projeto (antes e depois de passarem pela experiência dos projetos e atividades do LABIC), com uma avaliação do impacto na percepção de integração nas cinco dimensões consideradas (acadêmica, social, cultural, profissional e territorial) na organização/implementação dos projetos, mas também alguns que participaram nas atividades.

A avaliação das subdimensões analisadas revelou um aumento geral na percepção de integração pelos 50 inquiridos, medido pelos quatro parâmetros quantificados: melhoria, diminuição, ausência de resposta e ausência de alteração na avaliação.

Além do inquérito, foram realizadas entrevistas semiestruturadas que permitiram reforçar esse sentimento de melhoria da integração. A Fundação Aga Khan Portugal realizou um vídeo com os participantes^[6] onde eles partilham a forma como o projeto teve impacto nas suas vidas, quer a título pessoal, quer profissional. Em consequência das redes criadas, das experiências realizadas e do contato com metodologias colaborativas, possuem hoje horizontes mais amplos e um protagonismo diferente na vida da universidade e da comunidade.

O projeto teve externalidades muito positivas, algumas inesperadas. Uma delas foi o estímulo ao associativismo estudantil que proporcionou a reativação da Associação de Estudantes Guineenses em Aveiro e do Núcleo da CPLP da Associação Acadêmica da Universidade de Aveiro. Como referimos num recente artigo, «nestas dinâmicas associativas houve a arte de mobilizar a rede de suporte criada durante o LABIC»^[6] o que permitiu realizar atividades em «prol da integração dos colegas africanos na cidade e na academia com um impacto relevante no acolhimento dos alunos, na construção de uma rede de suporte na vida académica ou social, na visibilidade à causa da interculturalidade e na criação de uma rede de amigos essencial para dar sentido à vida de muitos estudantes num local tão distante da família e amigos»^[7].

Outra das consequências foi a continuidade de alguns projetos depois de terminado o LABIC. Os jovens do Milártica criaram 2 novos projetos: Clube de Leitura Milártica; Mulheres, Poesia e Tambor e o Sabura Aveiro mantém o serviço de take-away de comida africana, reforçando a importância da cultura e da gastronomia como âncoras de integração.

CONCLUSÕES E IMPLICAÇÕES PARA O FUTURO

Os laboratórios de cidadania podem estimular/provocar/promover mudanças a vários níveis nas pessoas, em grupos ou organizações com intensidade, profundidade e durabilidade variáveis. O uso de metodologias colaborativas baseadas em projetos cidadãos, podem estimular reflexões profundas e gerar ações transformadoras em múltiplas dimensões.

Em primeiro lugar, podem ajudar a desenhar ou a dar corpo a u-

^[6] Link para acesso:
<https://www.youtube.com/watch?v=bqWEMm2ZiYU>

^[6] Link para Radio Ria:
bit.ly/48W0uhq

^[7] Idem.

ma agenda coletiva que valorize uma necessidade no qual a comunidade se reveja, no presente caso a valorização da interculturalidade. O crescimento dos movimentos migratórios na Europa e em Portugal reforçam essa oportunidade e necessidade não apenas para responder a necessidades, mas também para criar um ambiente de maior inclusão e compreensão mútua.

Em segundo, pode provocar nos participantes diretos um maior ativismo, maior consciência e conhecimento, maior capital relacional. Embora possam gerar frustrações, caso não sejam totalmente consequentes, podem gerar o início de um caminho de conhecimento e sensibilização, mesmo em quem não participou ou participou de forma indireta, ampliando o alcance do impacto social.

Em terceiro, permite às entidades diretamente envolvidas gerar um maior e mais próximo diálogo com os cidadãos, numa oportunidade de mudança na forma como são concebidos os projetos e políticas públicas, contribuindo para uma maior cooperação e trabalho em rede, mais partilha de recursos e maior abertura para fazer diferente.

Por último, na comunidade e território, os laboratórios de cidadania podem ajudar a dar maior percepção a fenômenos invisíveis, a esbater barreiras e a aumentar a exigência dos poderes públicos.

O LABIC Aveiro terá contribuído para gerar mudanças, umas por ação dos projetos, outras pelos protagonistas envolvidos (proponentes e participantes) e, por último, pelos ecos e efeitos colaterais. A continuidade dos efeitos no tempo mostra que o rasto deixado inspirou o futuro.

Apesar dos méritos das iniciativas de inovação social, importa salientar que os laboratórios de cidadania não são novas instâncias, são balões de ensaio de práticas novas que devem ser replicadas dentro das estruturas organizativas existentes. Será por isso desejável que iniciativas unam diferentes interlocutores a criarem juntos respostas para necessidades, preocupações, sonhos e anseios, problemas e desafios comuns e que os encontros e diálogos pela interculturalidade ganhem mais centralidade nas instituições locais; que a literacia e a sensibilização sobre o potencial da diversidade multicultural sejam continuadas e ampliadas, sobretudo num contexto de aumento da polarização e do populismo; que os jovens africa-

nos tenham no associativismo mais e melhores respostas e que os resultados conseguidos sejam mais celebrados.

BIBLIOGRAFIA

AGÊNCIA PARA A INTEGRAÇÃO, MIGRAÇÕES E ASILO (AIMA). **Relatório estatístico anual sobre migrações 2024**. Lisboa: AIMA, 2024. Disponível em: <https://aima.gov.pt/documents/rma-2023.pdf>.

ESTALELLA, A.; ROCHA, J.; LAFUENTE, A. Laboratorios de procomún: experimentación, recursividad y activismo. **Revista Teknokultura**, Madrid, v. 10, n. 1, p. 21-48, 2013. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/TEKN/article/view/48053>.

EUROPEAN COMMISSION. **Migrant integration – Portugal**. Migration and Asylum Policies. [S. l.], [s. n.], [s. d.]. Disponível em: https://home-affairs.ec.europa.eu/policies/migration-and-asylum/migrant-integration/migrant-integration-hub/eu-countries-updates-and-facts/migrant-integration-portugal_en.

FUNDAÇÃO AGA KHAN; UNIVERSIDADE DE AVEIRO. **LABIC Aveiro: relatório final do Laboratório de Inovação Cívica de Aveiro**. Aveiro: Fundação Aga Khan; Universidade de Aveiro, 2023.

GARCÍA, M. **Laboratorios ciudadanos y políticas públicas**. *Cultura y Ciudadanía*. 2020. Disponível em: <https://culturayciudadania.culturaydeporte.gob.es/dam/jcr:f11906d9-4750-4c0a-b309-321218fcc8aa/marcos-garcia.pdf>.

GÓMEZ, D.; FREIRE, J. The emergence of Citizen Labs: a model for the creation of innovation communities. **European Public & Social Innovation Review**, v. 8, n. 2, 2023.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE). **Estatísticas demográficas 2023: nascimentos por nacionalidade da mãe, 2023**. Lisboa: INE, 2023. Disponível em: https://www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?att%20display=n&att%20download=y&look%20parentBoui=697596009.

LAFUENTE, A. **Itinerarios comunes: laboratorios ciudadanos y cultura experimental**. Barcelona: Ned Ediciones, 2022.

LANDECKER, W. S. Types of integration and their measurement. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 56, n. 4, p. 332-340, 1951.

MOTA, J. C.; FERNANDES, A.; MOREIRA, G. Los retos de la innovación ciudadana por parte de las ciudades: el caso del Laboratorio Cívico de Santiago en Aveiro. In: LOIS GONZÁLEZ, R. C.; RIO FERNANDES, J. A.; SPOSITO, M. E. B. (Org.). **El mundo visto de las ciudades**. Valencia: Tirant lo Blanch, 2022a. p. 815-824.

MOTA, J. C.; ATAÍDE, A. Civic innovation in Portugal: the potential and limitations of citizen labs to experiment new urban futures. **SCOPIO Magazine - Architecture, Art and Image**, v. 1, n. 1, p. 130-149, 2023. DOI: 10.24840/1647-8274_2023-0001_0001_7.

OBSERVATÓRIO DA EMIGRAÇÃO. **Atlas da emigração portuguesa**. Disponível em: <https://observatorioemigracao.pt/np4/9573.html>.

OSTROM, E. **Governing the commons: the evolution of institutions for collective action**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

SERVIÇO DE ESTRANGEIROS E FRONTEIRAS (SEF). **Dados estatísticos sobre imigração e fronteiras**. Lisboa: SEF.

Laryssa Tarachucky

**CAPÍTULO 3.
LABORATÓRIOS DE INOVAÇÃO
CIDADÃ COMO PRÁTICA SITUADA:
O CASO LABIC NOVALE**

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, os laboratórios de inovação cidadã^[1] têm se consolidado como uma das principais formas de experimentar novas formas de participação, produção de conhecimento e ação coletiva para o enfrentamento de problemas públicos complexos. Emergindo em contextos diversos — muitas vezes na interseção entre políticas públicas, universidades, movimentos sociais e iniciativas culturais — esses laboratórios têm contribuído para ampliar os repertórios de ação coletiva no campo urbano e social. Sua força reside menos na adoção de formatos fixos e mais na capacidade de articular estruturas comuns a uma abertura permanente para os temas, ritmos e modos de fazer que emergem dos territórios em que se inserem.

^[1] Esse termo é utilizado neste capítulo para designar um conjunto heterogêneo de iniciativas também referidas na literatura como laboratórios cidadãos, citizen labs, civic labs ou urban living labs. Embora apresentem diferenças conceituais e institucionais, essas experiências compartilham a aposta na experimentação coletiva, na participação cidadã e na coprodução situada de conhecimento para o enfrentamento de problemas complexos (De La Hoz; Blanco-Rangel, 2020; Gómez Abad; Freire, 2023; Lafuente, 2022).

Este capítulo adota a noção de prática situada^[2] como chave analítica para compreender os laboratórios de inovação cidadã. O conceito de prática situada permite observar como essas experiências se constituem a partir de relações com contextos específicos, incorporando dinâmicas institucionais, condições materiais, histórias locais e formas diversas de engajamento. Nesse enquadramento, o laboratório se configura como um arranjo que combina intencionalidade metodológica e sensibilidade ao território, sustentando estruturas de funcionamento que oferecem suporte para que processos se desenvolvam de maneira contextualizada — sem engessá-los.

^[2] A noção de prática situada tem origem nos estudos sobre aprendizagem e cognição situada (eg. Lave; Wenger, 1991) e vem sendo amplamente mobilizada em campos como os estudos sociais da ciência e da tecnologia, o design participativo e os estudos urbanos (eg. Latour, 2005; Manzini, 2015; Schuler, 1993). Neste capítulo, o conceito é empregado para enfatizar o caráter relacional, contextual e processual das práticas laboratoriais, evitando leituras normativas ou universalizantes.

Ao adotar a noção de prática situada, desloca-se o foco da análise se desloca dos resultados ou das ferramentas utilizadas para os modos de fazer que sustentam essas experiências ao longo do tempo. Interessa compreender como se constroem relações de confiança, como se produzem aprendizados coletivos, como se negociam expectativas institucionais e como se lida com a incerteza inerente aos processos participativos. Esse deslocamento é particularmente relevante no campo da inovação cidadã, onde a pressão por entregas rápidas e impactos mensuráveis frequentemente entra em conflito com a complexidade dos problemas urbanos e sociais enfrentados.

É neste contexto que este capítulo apresenta o LabIC Novale,

um laboratório de inovação cidadã ativo entre os anos de 2021 e 2024, em Jaraguá do Sul (Brasil). O laboratório constitui uma experiência de longo curso que permite observar, de maneira situada, as potencialidades, tensões e, também, limites dos laboratórios de inovação cidadã quando operam em articulação com políticas públicas locais. Ao longo de quatro anos, o LabIC Novale mobilizou públicos urbanos, experimentou ferramentas, dinâmicas e processos e também passou por muitos dos desafios que os laboratórios enfrentam para a continuidade e institucionalização de seus processos.

Este capítulo busca contribuir para o debate sobre laboratórios cidadãos destacando seus princípios operacionais, seus arranjos metodológicos e, sobretudo, os aprendizados e tensões que emergem quando a inovação é entendida como um processo coletivo, relacional e situado. Seu objetivo está, portanto, menos em apresentar o LabIC Novale como um modelo a ser reproduzido, e mais em utilizá-lo como caso empírico para refletir sobre o que significa sustentar um laboratório de inovação cidadã como prática ao longo do tempo.

SITUANDO O LABIC NOVALE

A concepção do LabIC Novale está diretamente vinculada a um percurso prévio de pesquisa e experimentação no campo dos laboratórios cidadãos e dos centros de design de interação urbana. O laboratório resulta, em grande medida, dos estudos desenvolvidos durante o doutorado da autora (Tarachucky, 2021), dedicados ao design participativo de tecnologias digitais em contextos urbanos, bem como de sua participação no programa Laboratórios Bibliotecários^[3] — iniciativa dedicada à ativação de bibliotecas públicas e outras instituições públicas como espaços de experimentação cidadã e mediação cultural, programa realizado em parceria com o então chamado MediaLab-Prado (hoje, Medialab Matadero)^[4].

O LabIC Novale se constitui ao longo de um período de quatro anos como uma experiência situada de inovação cidadã em Jaraguá do Sul, cidade média industrial do norte de Santa Catarina (Brasil), marcada por forte presença do setor produtivo, por dinâmicas institucionais consolidadas e por uma tradição re-

^[3] labsbibliotecarios.es

^[4] medialab-matadero.es

cente de investimentos em políticas de inovação. É nesse contexto que o laboratório emerge, como resposta a demandas institucionais e territoriais que escapavam às abordagens tradicionais de desenvolvimento econômico e tecnológico.

Desde suas primeiras formulações, o LabIC Novale foi concebido como um agente intermediário entre pessoas, práticas e instituições. Essa posição intermediária implica no desempenho de um papel voltado à criação de condições para que diferentes atores — cidadãos, gestores públicos, pesquisadores, organizações da sociedade civil e profissionais criativos — pudessem se encontrar, formular problemas comuns e experimentar modos alternativos de ação coletiva. Ao longo do tempo, essa função intermediária se mostrou central para sustentar processos participativos em um território onde a inovação costuma ser associada prioritariamente à eficiência produtiva e à competitividade industrial.

No plano institucional, o LabIC Novale emerge e se consolida como programa estruturante dos eixos de inovação social e urbana do Centro de Inovação de Jaraguá do Sul^[5], tornando-se o primeiro laboratório com esse recorte a ser implantado no âmbito da Rede Catarinense de Centros de Inovação^[6]. Ao longo dos quatro anos, o LabIC Novale atravessou diferentes fases. Em seus momentos iniciais, o laboratório se orientou pela necessidade de criar uma linguagem comum entre atores com repertórios muito distintos, investindo em práticas de escuta e aproximação territorial. Com o amadurecimento do processo, passou a estruturar ciclos mais consistentes de experimentação, articulando temas ligados à inovação social e urbana com questões emergentes de processos de escuta realizados pela cidade. Esse percurso não foi linear e envolveu revisões constantes sobre o papel do laboratório, seus limites de atuação e suas possibilidades de continuidade. Em um contexto marcado por expectativas associadas à inovação tecnológica e à eficiência produtiva, a aposta em processos orientados pela escuta, pela experimentação e pelo tempo longo implicou lidar com tensões relacionadas à institucionalização, à continuidade e à gestão de expectativas externas.

[5] O programa foi executado enquanto parte integrante do Termo de Convênio 1/2018, celebrado entre o Centro de Inovação e a Prefeitura de Jaraguá do Sul.

[6] A Rede Catarinense de Centros de Inovação é uma política pública estadual voltada ao fomento da inovação em diferentes regiões de Santa Catarina, articulando infraestrutura física, programas de apoio e parcerias institucionais.

Situar o LabIC Novale, portanto, implica compreendê-lo como uma prática construída na interseção entre políticas públicas, dinâmicas territoriais e modos de saber e de fazer participativos. Implica reconhecer as condições que tornaram possível sua existência e os arranjos que sustentaram sua atuação no

tempo. Esse reconhecimento abre caminho para compreender o laboratório para além de sua materialidade ou de seus formatos, permitindo avançar para uma leitura do LabIC Novale enquanto prática — tema da seção seguinte.

DO LABORATÓRIO COMO ESPAÇO AO LABORATÓRIO COMO PRÁTICA

A compreensão do LabIC Novale como prática situada requer um deslocamento analítico que vai além da ideia de laboratório enquanto espaço físico, evento pontual ou instância organizacional delimitada. Ao longo de sua trajetória, o laboratório foi se constituindo como uma prática, sustentada por processos contínuos e cíclicos, por relações construídas e cultivadas no tempo e por arranjos que ultrapassam a materialidade dos encontros presenciais ou a formalização institucional que o abriga.

Esse deslocamento foi parte constitutiva da concepção do LabIC Novale desde o início. O laboratório foi pensado como uma prática contínua, e não como uma intervenção pontual, estruturada para sustentar diferentes formas de participação, testar formatos horizontais de trabalho coletivo e desenvolver estratégias que incentivassem o envolvimento das pessoas com questões que atravessam seus próprios territórios e experiências. Essa compreensão do laboratório como prática pode ser aprofundada a partir de três dimensões analíticas que estruturam a experiência do LabIC Novale: (1) lab como processo, (2) lab como infraestrutura relacional e (3) lab como dispositivo de aprendizagem.

O LABORATÓRIO COMO PROCESSO

O programa de atividades do LabIC Novale foi organizado fundamentalmente como um processo. Ao invés de atuar com intervenções pontuais, o laboratório foi estruturado de forma a possibilitar uma conexão permanente entre as edições e as atividades, com o estabelecimento de programas anuais cujas ações se complementavam e se retroalimentam ao longo do tempo. Essa continuidade não dependia da repetição de formatos, mas da manutenção de certos princípios operacionais e cuidados que garantiam a coerência do trabalho coletivo.

Essa abordagem processual permitiu ao laboratório se adaptar de maneira flexível às transformações do território e às mudanças nas condições institucionais, sem perder de vista os objetivos de longo prazo. Em vez de se atentar desproporcionalmente para os resultados imediatos, o foco estava em criar condições para o desenvolvimento de uma dinâmica constante de escuta, experimentação e aprendizagem. Como exemplo disso, ao longo dos quatro anos de atuação, o programa de atividades passou por ajustes baseados nas demandas das comunidades envolvidas. Em sua primeira edição, o laboratório iniciou um ciclo de encontros voltados para o mapeamento de problemas urbanos locais, com pouca visibilidade de curto prazo, mas com a intenção clara de gerar um banco de dados colaborativo e um entendimento compartilhado das necessidades do território.

Com o tempo, o foco nas práticas de escuta foi se intensificando, especialmente com a implementação de encontros regulares, que se estenderam a diferentes grupos e organizações locais. Esses encontros eram concebidos como continuados, nos quais os participantes eram convidados a revisar, discutir e dar continuidade aos debates de atividades anteriores. No primeiro ano das Desconferências Urbanas, por exemplo, os encontros foram destinados a ampliar o alcance das discussões iniciadas no 1º Workshop LabLC Novale e a conectar questões de interesse local com agendas globais mais amplas. Nas edições subsequentes, foi possível perceber uma diversificação no público envolvido, que se mostrou mais disposto a contribuir quando houve um esforço contínuo de construção de confiança ao longo do tempo. Isso demonstrou que, no contexto do LabLC Novale, a participação não deveria ser medida apenas pela quantidade de pessoas envolvidas, mas também pela qualidade das relações construídas.

Compreender o laboratório como processo implica, portanto, reconhecer que os tempos da participação, da aprendizagem e da construção coletiva não se alinham necessariamente aos ciclos administrativos ou às lógicas tradicionais de projetos. No lugar de respostas rápidas, o laboratório cultivou uma dinâmica mais lenta, mais orientada a permitir que as transformações acontecessem de forma incremental. Os contornos mais nítidos dos impactos do laboratório começaram a se tornar visíveis apenas ao final do terceiro ano, quando a capacidade de articulação de redes locais e a autonomia dos grupos se consolidaram — efeitos que dificilmente poderiam ser capturados

por indicadores tradicionais de eficiência e desempenho.

O LABORATÓRIO COMO INFRAESTRUTURA RELACIONAL

Para além de um programa contínuo de atividades, o LabIC Novale operou como uma infraestrutura relacional dedicada a sustentar vínculos, articulações e formas de cooperação ao longo do tempo. Essa infraestrutura não se materializa prioritariamente em espaços físicos, plataformas digitais ou instrumentos técnicos, mas na construção e manutenção de relações entre pessoas, grupos e instituições que, em muitos casos, não compartilhavam repertórios, linguagens ou históricos de colaboração anteriores.

Ao atuar como agente intermediário, o papel do laboratório estava em criar condições para que essas relações se estabelecessem de maneira gradual e cuidadosa. A infraestrutura relacional do LabIC Novale foi sendo construída a partir de encontros sucessivos, do reconhecimento mútuo entre os participantes e da criação de ambientes nos quais a pluralidade, a horizontalidade, a escuta, o intercâmbio e a experimentação eram valorizadas como práticas centrais. Esse trabalho relacional exigiu atenção constante às assimetrias de poder, às diferenças de repertório e às distintas formas de engajamento presentes no território, pensando essas diferenças como potências – e não como impeditivas para a ação coletiva.

Essa dimensão relacional mostrou-se fundamental para a continuidade dos processos do laboratório. Ao longo dos quatro anos, a manutenção de vínculos permitiu que participantes retornassem, aprofundassem discussões iniciadas em momentos anteriores e se implicassem de maneira mais consistente nas atividades propostas. A presença recorrente de determinados atores e a ampliação gradual das redes envolvidas contribuíram para fortalecer a capacidade do laboratório de articular demandas, conectar iniciativas dispersas e sustentar processos participativos para além dos momentos formais de encontro.

A infraestrutura relacional do LabIC Novale também se expressou na sua capacidade de articular diferentes escalas de atuação. As conexões estabelecidas no âmbito local possibilitaram o diálogo com agendas mais amplas, sem que isso implicasse a diluição das questões territoriais específicas. Ao contrário,

foi justamente a densidade das relações construídas no território que permitiu ao laboratório operar como um espaço de tradução entre experiências locais e debates mais amplos no campo da inovação social e urbana.

O LABORATÓRIO COMO DISPOSITIVO DE APRENDIZAGEM

Além de processo contínuo e infraestrutura relacional, os laboratórios de inovação cidadã podem ser compreendidos como dispositivos de aprendizagem coletiva. Essa dimensão pedagógica diz respeito ao papel dos laboratórios de inovação cidadã como espaços fundamentais para a reconstrução de vínculos, a qualificação do debate público e o exercício cotidiano da participação. No caso do LabIC Novale, essa dimensão pedagógica se manifestou na criação de condições para a aprendizagem situada, construída a partir da experiência, da interação entre diferentes atores e da reflexão sobre as próprias práticas. No contexto do laboratório, aprender significou, sobretudo, aprender a participar. Isso envolveu o desenvolvimento de capacidades relacionadas à observação e à escuta, à formulação coletiva de problemas, à negociação de sentidos e valores e à convivência com a incerteza. Ao longo dos ciclos do LabIC Novale, participantes foram gradualmente ampliando seus repertórios de atuação, não apenas em relação aos temas discutidos, mas também em relação às formas de se engajar em processos colaborativos e horizontais.

Essa dimensão pedagógica assume contornos específicos quando situada no contexto de emergência do laboratório. O LabIC Novale se inicia em um período de retorno recente das atividades presenciais após o isolamento social provocado pela pandemia de COVID-19. Localmente, esse contexto foi marcado por uma fragilização significativa dos laços sociais, em especial no que diz respeito à atuação de associações comunitárias, associações de bairro e outras formas tradicionais de organização coletiva. Muitos dos espaços de encontro e deliberação haviam sido interrompidos ou esvaziados, e a retomada da convivência presencial não implicou, automaticamente, a reconstrução dessas relações.

Somado a isso, o laboratório se desenvolveu em um ambiente atravessado por processos intensos de desinformação e polarização política. Em uma região caracterizada por posições políticas conservadoras fortemente consolidadas, tornou-se

evidente a presença de discursos que restringiam a participação cidadã ao momento eleitoral e reforçavam a ideia de que pensar a cidade e seus problemas seria atribuição exclusiva de figuras institucionais, como prefeitos e vereadores ou como técnicos do planejamento urbano. A noção de que “isso não é comigo” aparecia de forma recorrente, tanto de maneira explícita quanto implícita, operando como um obstáculo à participação e ao engajamento coletivo.

Nesse cenário, o LabIC Novale assumiu também uma função pedagógica voltada à reconstrução de disposições para a participação. O laboratório precisou criar ferramentas, dispositivos e experiências que possibilitassem às pessoas reconhecerem a si mesmas como sujeitos capazes de observar, interpretar e intervir nas questões urbanas que atravessam seu cotidiano. A aprendizagem, nesse sentido, envolveu um trabalho paciente de reaproximação, de validação das experiências individuais e de construção de um senso de pertencimento aos debates sobre a cidade.

O caráter experimental do LabIC Novale também foi central para sustentar esse processo. Ao testar metodologias, formatos de encontro e estratégias de engajamento, o laboratório produziu aprendizagens não apenas para os participantes diretamente envolvidos, como também para as instituições parceiras e para a própria equipe de coordenação. Cada ciclo de atividades funcionou como um espaço de observação, reflexão e ajuste, no qual erros, limites e imprevistos eram incorporados como parte do processo de aprendizagem.

Compreender o LabIC Novale como dispositivo de aprendizagem implica, portanto, reconhecer que seus efeitos se produzem tanto na ampliação de conhecimentos quanto na transformação das disposições para a participação. Ao longo do tempo, o laboratório contribuiu para fortalecer a autonomia dos participantes, ampliar a capacidade de articulação coletiva e fomentar uma compreensão mais complexa sobre o papel da cidadania na construção da cidade.

PRINCÍPIOS OPERACIONAIS DO LABIC NOVALE

Para conceber e consolidar um laboratório de inovação cidadã

no tempo, é necessário estabelecer critérios que orientem as decisões metodológicas, a formação e manutenção das relações institucionais e as formas de engajamento com o território. Esses critérios são, frequentemente, chamados de princípios operacionais; ou seja, referências operacionais que ajudam a sustentar a coerência do laboratório diante de contextos instáveis, demandas diversas, agendas ocultas e tensões inerentes aos processos participativos.

Embora nem sempre expressos nos documentos institucionais, cinco princípios estruturam a atuação do LabIC Novale ao longo de seus quatro anos: a escuta, a experimentação, a transversalidade, a temporalidade processual e o cuidado.

PRINCÍPIO 1: ESCUTA

A escuta constituiu o princípio fundante do LabIC Novale. Desde sua concepção, o laboratório partiu do reconhecimento de que os problemas urbanos e sociais não podem ser plenamente compreendidos sem a consideração das experiências, percepções e saberes daqueles que os vivenciam cotidianamente. A escuta, nesse sentido, não foi tratada como etapa inicial ou técnica pontual, mas como prática transversal, presente em diferentes momentos do processo. Operar a partir da escuta implicou criar condições para que diferentes vozes pudessem emergir, especialmente aquelas historicamente menos presentes nos espaços formais de participação. Também implicou aceitar a complexidade, as ambiguidades e, por vezes, as contradições presentes nos discursos e nas experiências compartilhadas. A escuta orientou tanto a definição dos temas trabalhados quanto os ajustes metodológicos realizados ao longo do tempo, funcionando como base para a construção de confiança e para a formulação coletiva dos problemas abordados.

PRINCÍPIO 2: EXPERIMENTAÇÃO

A experimentação orientou o LabIC Novale como lógica de ação. Ao invés de operar a partir de metodologias fixas ou formatos previamente validados, o laboratório adotou uma postura experimental, na qual atividades, ferramentas e dinâmicas eram criadas, testadas, avaliadas e ajustadas a partir da experiência de campo. Essa abordagem foi deliberadamente

adotada com a intenção de responder de maneira mais sensível às especificidades do território e aos diferentes perfis de participantes envolvidos. A experimentação também implicou a aceitação do erro, da incompletude e da revisão como partes constitutivas do processo. Prototipar, no contexto do LabIC Novale, significou criar condições para testar possibilidades em pequena escala, aprender com os limites encontrados e incorporar esses aprendizados nos ciclos seguintes. Esse princípio foi central para evitar a cristalização de formatos e para manter o laboratório aberto à transformação ao longo do tempo.

PRINCÍPIO 3: TRANSVERSALIDADE

A transversalidade orientou a forma como temas, atores e saberes foram articulados no LabIC Novale. Os desafios trabalhados no laboratório atravessaram diferentes campos e exigiram a convivência entre perspectivas diversas, nem sempre alinhadas entre si. O laboratório operou a partir do reconhecimento dessa diversidade como condição para a ação coletiva. O princípio da transversalidade se expressou tanto na composição dos grupos quanto na articulação entre diferentes políticas públicas, iniciativas comunitárias e agendas globais. Ao longo dos anos, seu emprego contribuiu para conectar questões locais a debates mais amplos, sem desconsiderar as especificidades do território, bem como para ampliar os repertórios de interpretação e intervenção dos participantes.

PRINCÍPIO 4: TEMPORALIDADE PROCESSUAL

A temporalidade processual foi um princípio estruturante do LabIC Novale. Desde o início, o laboratório foi concebido como um processo continuado, orientado por ciclos sucessivos de escuta, experimentação e aprendizagem. Essa temporalidade, que compreende e abraça também a lentidão como campo e condição para o amadurecimento, contrastou com lógicas de curto prazo frequentemente associadas a projetos e programas institucionais, exigindo negociações constantes para sustentar a continuidade das práticas.

Assumir esse princípio implicou reconhecer, também, que os processos participativos são atravessados por múltiplas temporalidades. Os participantes chegam ao laboratório com dife-

rentes ritmos, disponibilidades, histórias de engajamento e condições de vida, o que exige sensibilidade para lidar com tempos desiguais de aproximação, envolvimento e permanência. E respeitar esses tempos, em termos metodológicos, requer criar condições para entradas e saídas, retomadas e pausas, sem que isso seja interpretado como desinteresse ou fracasso do processo. Esse princípio orientou escolhas metodológicas, a recorrência dos encontros e a valorização de processos que se aprofundam ao longo do tempo. Ele é pautado no reconhecimento de que transformações profundas — especialmente aquelas relacionadas à participação, à confiança e à articulação coletiva — se constroem de forma gradual. Mesmo quando seus efeitos não eram imediatamente visíveis, esses processos foram internamente compreendidos como parte constitutiva do trabalho do laboratório.

PRINCÍPIO 5: CUIDADO

O cuidado atravessou todos os princípios anteriores, funcionando como orientação ética e operacional do laboratório. Esse cuidado se manifestou na atenção aos ritmos dos participantes, na gestão das expectativas geradas pelos processos participativos e na criação de ambientes seguros para o diálogo e a experimentação. Também se expressou na preocupação com os efeitos das atividades sobre as pessoas envolvidas, evitando exposições indevidas e reconhecendo limites individuais e coletivos. No contexto do LabIC Novale, o cuidado orientou decisões sobre quando avançar, quando desacelerar e quando reformular estratégias. Esse princípio operou simultaneamente em diferentes escalas: no nível macro, ao orientar escolhas relacionadas ao desenho do programa, à definição dos ritmos de trabalho e à forma de articulação com instituições e políticas públicas; e no nível micro, ao atravessar as interações cotidianas, a condução dos encontros e as relações estabelecidas entre as pessoas envolvidas nos processos. Essa postura esteve diretamente relacionada ao entendimento de que a participação não se dá de forma homogênea e que sustentar processos inclusivos exige acompanhar ritmos distintos, oferecer suporte e legitimar diferentes formas de presença.

ARRANJOS METODOLÓGICOS

Os arranjos metodológicos do LabIC Novale foram organizados a partir de quatro eixos de atuação, concebidos como campos de experimentação contínua e articulada. Esses eixos funcionaram como modos de operar complementares, que se reforçavam mutuamente ao longo do tempo. Cada eixo se materializou por meio de dispositivos específicos, formatos de encontro e programas, ajustados conforme as condições contextuais e os aprendizados acumulados pelo laboratório. A definição desses eixos metodológicos buscou responder à necessidade de sustentar processos participativos diversos, em diferentes escalas e intensidades de engajamento. A seguir, são apresentados os quatro eixos que estruturaram metodologicamente a atuação do laboratório.

EXPERIMENTAÇÃO E PROTOTIPAÇÃO

O eixo de experimentação e prototipação constituiu um dos pilares metodológicos do LabIC Novale. Ele foi operacionalizado principalmente por meio dos Workshops LabIC Novale, concebidos como espaços intensivos de encontro, formulação coletiva de problemas e teste de possibilidades de ação. Esses workshops foram pensados como momentos de imersão, ideação e produção de soluções, e funcionaram também como dispositivos de formação de públicos urbanos, capazes de ampliar repertórios e fomentar o interesse pela participação nas questões da cidade.

No âmbito desse eixo, prototipar significou experimentar formas de trabalhar coletivamente, testar linguagens, metodologias e dinâmicas de interação, e observar como diferentes grupos se engajavam diante de desafios urbanos percebidos em contextos de proximidade. Os workshops operaram como ambientes nos quais a incerteza, a incompletude e o erro eram reconhecidos como parte do processo. Os aprendizados produzidos nesses momentos alimentavam os ciclos seguintes do laboratório, contribuindo para o refinamento dos formatos e para a consolidação de uma prática participativa situada.

PROMOÇÃO DE DIÁLOGOS URBANOS

O eixo de promoção de diálogos urbanos teve como principal objetivo sustentar a continuidade do debate público e ampliar os espaços de conversa sobre temas urbanos relevantes para

o território. Esse eixo se materializou sobretudo por meio das Desconferências Urbanas, organizadas como ciclos temáticos voltados à articulação entre diferentes atores, saberes e escalas de discussão.

No primeiro ano de realização, as Desconferências Urbanas foram dedicadas principalmente à ampliação do debate público e à circulação de ideias. Nesse período, funcionaram como espaços de aprofundamento das questões mobilizadas pelo laboratório, permitindo que temas levados pela comunidade para o 1º Workshop LabIC Novale fossem tensionados por outros repertórios e alcançassem públicos mais amplos. Um elemento central desse arranjo foi o seu desenho em dois momentos complementares: um encontro em formato online, que possibilitava a participação de pessoas de outros territórios e a conexão das questões locais com agendas globais, seguido de um encontro presencial, dedicado a discutir e traduzir esses debates para o contexto local.

No segundo ano, esse eixo metodológico passou a cumprir também uma função de mapeamento de novas questões urbanas emergentes e de compreensão sobre como essas pautas poderiam ser incorporadas aos processos do laboratório. As Desconferências Urbanas tornaram-se, assim, espaços de escuta, nos quais o diálogo entre referências externas e experiências locais permitiu mapear temas relevantes para ciclos futuros de experimentação e aprofundamento no laboratório.

Ao combinar encontros online e presenciais, as Desconferências Urbanas fortaleceram a articulação entre escalas e contribuíram para diversificar os públicos envolvidos, ao mesmo tempo em que consolidaram vínculos no território. Esse eixo metodológico permitiu que o diálogo urbano se estabelecesse como prática recorrente, e não como evento excepcional, funcionando tanto como espaço de ampliação do debate público quanto como mecanismo de renovação temática e de aproximação contínua entre o laboratório e a cidade.

A promoção de diálogos urbanos operou como um eixo estruturador de dispositivos voltados ao aprofundamento e circulação de ideias, de modo a criar condições para que temas emergentes em contextos locais fossem compreendidos, discutidos e complexificados ao longo do tempo. Ao adotar formatos híbridos, mais abertos e horizontais, esse eixo foi fundamental para diversificar os públicos envolvidos, para criar

pontes entre pessoas com interesses comuns e para fortalecer vínculos.

INCUBAÇÃO CIDADÃ

O eixo de incubação cidadã foi estruturado para apoiar o desenvolvimento e o amadurecimento de projetos emergentes dos processos participativos do laboratório. Operacionalizado por meio do PIC LabIC (Programa de Incubação Cidadã), esse eixo buscou oferecer suporte metodológico e institucional para iniciativas que demandavam maior aprofundamento, continuidade e articulação com outros atores e políticas públicas.

A incubação cidadã no LabIC Novale teve como foco o fortalecimento da capacidade de ação dos grupos envolvidos. Seu desenho foi pensado para que o processo realizado junto aos participantes permitisse acompanhar projetos ao longo do tempo e oferecer estrutura para que fossem testados, ajustados e, quando possível, articulados a redes e instituições. Dessa forma, funcionou como um arranjo de sustentação para iniciativas que extrapolavam o momento do encontro e exigiam maior densidade processual.

ESCUA COMUNITÁRIA

O eixo de escuta comunitária foi central para a atuação do LabIC Novale enquanto prática situada. Ele se materializou por meio do LabIC Pela Cidade, concebido como uma estratégia de aproximação territorial e de produção de conhecimento a partir das experiências e percepções dos moradores. Nesse eixo, foram estruturados processos voltados a captar fragilidades, demandas e leituras locais sobre a cidade, especialmente em contextos onde os canais formais de participação se mostravam insuficientes.

Metodologicamente, a escuta comunitária combinou diferentes instrumentos, como oficinas presenciais, estratégias complementares de coleta de dados e procedimentos de sistematização e análise. Para além da produção de diagnósticos, esse eixo teve como objetivo estimular o reconhecimento das experiências locais como saber legítimo, fortalecer vínculos com a comunidade e alimentar os demais eixos do laboratório com informações produzidas a partir do território.



Figura 1: Registros de atividades públicas do LabIC Novale

Fonte: do autor (vários anos)

Os quatro eixos metodológicos do LabIC Novale operaram de forma articulada, compondo uma arquitetura orientada a sustentar diferentes níveis de engajamento e distintas temporalidades de participação. A experimentação e prototipação alimentavam os diálogos urbanos; a escuta comunitária orientava temas e prioridades; e a incubação cidadã oferecia continuidade a iniciativas emergentes. Essa articulação permitiu ao laboratório manter coerência e reforçar sua condição de prática em constante construção. Na seção seguinte, os aprendizados e deslocamentos produzidos por essa trajetória permitem aprofundar a análise sobre o que se consolidou, o que se transformou e o que foi abandonado ao longo do percurso.

APRENDIZADOS E DESLOCAMENTOS

A trajetória do LabIC Novale ao longo de quatro anos produziu um conjunto imenso de aprendizados, tanto no plano metodológico quanto no plano relacional, institucional e político. Esses aprendizados tomaram forma no próprio fazer, no entrelaçamento entre prática, tentativa, ajuste e escuta, acompanhando as transformações do contexto e do próprio laboratório, e abriram espaço para uma leitura mais complexa e situada da inovação cidadã. Nesse percurso, o que se desloca não são apenas métodos ou formatos, mas a própria compreensão sobre o que significa participar, sustentar um laboratório e operar processos coletivos no tempo.

Um primeiro aprendizado diz respeito à potência de certos arranjos quando operados com abertura e consistência. A articulação entre encontros online e presenciais, por exemplo, mostrou-se fundamental para ampliar o alcance do laboratório e projetar suas práticas para além do território local, sem romper com sua ancoragem situada. A possibilidade de conectar questões vividas em Jaraguá do Sul com agendas mais amplas despertou o interesse de pessoas de outros estados e países, ao mesmo tempo em que reforçou, no plano local, a legitimidade do laboratório como espaço de produção de conhecimento e ação coletiva. De modo semelhante, as práticas de escuta comunitária revelaram-se capazes de produzir efeitos que ultrapassaram o próprio LabIC Novale, sendo apropriadas, adaptadas e reativadas por outros municípios e instituições, em contextos distintos.

Os workshops desempenharam um papel central nesse processo. Eles funcionaram como instâncias de densificação do laboratório, nas quais a participação ganhava corpo e sentido. Era nesses espaços que as pessoas se sentiam autorizadas a falar a partir de suas experiências, a formular propostas conectadas aos seus bairros e a reconhecer a cidade como campo legítimo de intervenção. Esse enraizamento territorial das proposições revelou-se um aspecto decisivo para o engajamento e para a continuidade das relações construídas ao longo do tempo.

Outro deslocamento importante refere-se à própria noção de sucesso e resultado. A experiência do LabIC Novale evidenciou que a efetividade da participação não pode ser avaliada apenas pela finalização formal de projetos ou pela materialização de soluções fechadas. Muitos dos processos iniciados no laboratório não se completaram nos moldes tradicionais, mas produziram reverberações importantes e, por vezes, curiosas: desengavetaram projetos, estimularam outros, influenciaram debates (e ações), criaram e fortaleceram vínculos, alimentaram outras iniciativas e permaneceram ativos na memória e na prática dos participantes. Nesse sentido, o laboratório operou como espaço de sementeira, no qual os efeitos se espalham de maneira difusa e, muitas vezes, tardia.

Ao longo do tempo, também se tornaram visíveis transformações na forma de engajamento dos participantes. Pessoas que inicialmente chegaram como ouvintes retornaram como proponentes; mentores passaram a ocupar posições de apren-

dizagem; participantes circularam entre diferentes papéis. Essa fluidez contribuiu para desestabilizar hierarquias rígidas e reforçou a compreensão do laboratório como espaço de experimentação coletiva, no qual aprender, ensinar e agir se entrelaçam continuamente.

Nem todos os deslocamentos, porém, foram expansivos. Algumas expectativas iniciais precisaram ser revistas. A ideia de uma expansão do LabIC Novale pelo território estadual esbarrou em limitações relacionadas à disponibilidade de recursos, aos ciclos políticos internos e externos, bem como às condições institucionais de sustentação no longo prazo. O encerramento formal do laboratório, em 2025, tornou explícitas essas fragilidades e revelou os limites estruturais enfrentados por iniciativas que apostam em processos participativos continuados. Ainda assim, o fato de o LabIC Novale seguir sendo referido como algo vivo, mesmo após o término de suas atividades, indica que sua existência ultrapassou a duração institucional que o abrigou.

Esses aprendizados apontam para uma compreensão mais matizada dos laboratórios de inovação cidadã. Sustentá-los como prática implica aceitar a incompletude, negociar expectativas, lidar com limites e reconhecer que muitos de seus efeitos se produzem na dimensão relacional, simbólica e formativa — menos visível, mas fundamental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo partiu do esforço de compreender os laboratórios de inovação cidadã para além de seus formatos, produtos ou enquadramentos institucionais, tomando o LabIC Novale como um caso empírico capaz de iluminar o que significa sustentar um laboratório como prática situada. Ao longo do texto, buscou-se mostrar que o valor dessa experiência não reside na replicabilidade de seus dispositivos, nem na estabilização de um modelo, mas na maneira como ela se construiu no entrelaçamento entre território, relações, princípios e escolhas metodológicas.

O percurso do LabIC Novale ilustra a visão dos laboratórios de inovação cidadã como práticas em construção, que se constituem no tempo, por meio de processos contínuos de escuta,

experimentação e aprendizagem. Essa constituição é inseparável das condições contextuais em que ocorrem: dos contextos institucionais que os abrigam, das dinâmicas sociais que atravessam os territórios e das pessoas que se implicam, em diferentes graus, em sua construção. Nesse sentido, compreender o laboratório como prática implica deslocar o olhar dos resultados imediatos para os modos de fazer que sustentam a participação e a ação coletiva.

Ao longo de quatro anos, o LabIC Novale operou como processo, infraestrutura relacional e dispositivo de aprendizagem, articulando diferentes eixos metodológicos e princípios operacionais de maneira situada. Escuta, experimentação, transversalidade, tempo longo e cuidado funcionaram como critérios que orientaram decisões cotidianas e formas de relação com o território.

Os aprendizados e deslocamentos produzidos por essa experiência reforçam a importância de reconhecer a complexidade dos processos participativos. Sustentar um laboratório de inovação cidadã envolve lidar com múltiplas temporalidades, diferentes agendas e, muitas vezes, interesses distintos. E envolve, também, compreender — e fazer compreender — que muitos de seus efeitos se manifestam de forma indireta, relacional e gradual. Nesse sentido, o encerramento formal do LabIC Novale não representa o fim de seus impactos, mas explicita os limites institucionais enfrentados por práticas que apostam na continuidade, no cuidado e na construção coletiva.

De maneira especial, essa passagem abriu caminho para outros desdobramentos. No ocaso do LabIC Novale, a aurora do Instituto Cocidades, que nasce não como substituição do laboratório, mas como entrelaçamento e continuidade ampliada de seus princípios e de sua prática; que se estende, carregando adiante o compromisso com a tarefa sempre inacabada de construir a cidade de forma coletiva.

REFERÊNCIAS

DE LA HOZ, L. P.; BLANCO-RANGEL, I. Laboratorios de innovación ciudadana, nuevas formas de cooperar: pinceladas en Cartagena de Indias. In: ARAUJO, N. F. (Org.). **Reduciendo desigualdades: otros derechos y otros desarrollos**. Carta-

gena de Indias: Universidad San Buenaventura Cartagena, 2020. p. 147-176.

GÓMEZ ABAD, D.; FREIRE, J. La emergencia de los laboratorios ciudadanos: un modelo para la creación de comunidades de innovación. **European Public & Social Innovation Review**, v. 8, n. 2, p. 65-79, 2023.

LAFUENTE, A. **Itinerarios comunes: laboratorios ciudadanos y cultura experimental**. Madri: Ned Ediciones, 2022.

LAVE, J.; WENGER, E. **Situated learning: legitimate peripheral participation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

LATOUR, B. **Reassembling the social: an introduction to actor-network-theory**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

MANZINI, E. **Design, when everybody designs: an introduction to design for social innovation**. Cambridge: MIT Press, 2015.

SCHULER, D.; NAMIOKA, A. **Participatory design: principles and practices**. Boca Raton: CRC Press, 1993.

TARACHUCKY, L. **Framework conceitual para apoiar a formulação de estratégias de design de interação urbana envolvendo o uso de recursos de mídia locativa digital**. 2021. 280 f. Tese (Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) – Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

Paulo Henrique Wolf

**CAPÍTULO 4.
MENTORIA EM LABORATÓRIOS
DE INOVAÇÃO CIDADÃ: UMA
EXPERIÊNCIA NO LABIC NOVALE**

INTRODUÇÃO

Em contextos tradicionais, um mentor de inovação é frequentemente compreendido como o profissional que oferece orientação e aconselhamento para o desenvolvimento de novas ideias de negócios, produtos e estratégias. No entanto, em ambientes como os laboratórios de inovação cidadã, essa prática assume contornos distintos. Nesses espaços, a mentoria se orienta menos pela lógica do mercado e mais pela construção coletiva de soluções para desafios públicos, pelo fortalecimento da escuta, pela formação cidadã e pela experimentação situada no território. O mentor atua como alguém que compartilha conhecimentos e experiências, estimula reflexões e amplia repertórios, contribuindo para que indivíduos e grupos pensem além do convencional e se reconheçam como agentes ativos de transformação social. Por meio de conversas significativas e continuadas, o indivíduo é estimulado pelo seu mentor a pensar além do convencional, promovendo assim o aumento e crescimento da capacidade mental e emocional do mesmo (Bellodi, 2021).

De acordo com Alcântara, Murta, Souza e Molinari-Gomes (2021) a mentoria consiste em encontros periódicos entre os envolvidos no projeto, nos quais os mentores são profissionais com sólida bagagem teórica aliada à experiência prática. Nos laboratórios de inovação cidadã, esse processo se dá de forma horizontal, valorizando a troca de saberes, o questionamento mútuo e a construção coletiva de caminhos possíveis para problemas reais. Trata-se de um processo de aprendizado ativo, no qual teoria e prática se articulam a partir das necessidades do contexto e das vivências dos participantes.

Estudos, majoritariamente na área da saúde e educação, mostram que a mentoria, além de estreitar a relação entre mentor e mentorado, tem sido reconhecida como uma importante estratégia para desenvolvimento profissional e pessoal na formação dos envolvidos (Silveira et al., 2021). Além da sua importância na formação, a mentoria potencializa o processo criativo e de desenvolvimento e torna a fase de aprendizado e/ou projetual mais inclusiva e acolhedora (Calsing; Heide-mann, 2023), uma vez que os indivíduos envolvidos possuem diferentes construções de formação e experiência.

FASE 1 - SURGE UM MENTOR

Desenvolver e inspirar força e coragem para prosseguir no caminho, apesar das vicissitudes, com os encontros (a beleza) e desencontros (horror) de toda jornada, talvez seja o propósito mais especial da atividade de mentoria. (Bellodi, 2021)

Esse ensaio nasce da minha vivência como mentor e posteriormente facilitador durante as duas primeiras edições do Workshop LabIC Novale.

Essa trajetória iniciou em meados de 2021, após a flexibilização das normas de isolamento social em virtude da COVID 19 e com a retomada de eventos presenciais, quando recebi o convite para participar do 1º Workshop do LabIC Novale. Além da euforia por tal convite despertou-se em mim a curiosidade e desejo pelo desafio que seria participar dessa primeira edição e estar junto a um grupo de mentores renomados em suas áreas.

Seria minha primeira experiência como mentor-facilitador em um evento de inovação, dentro de uma visão mais estratégica da função que extrapolava o papel tradicional do especialista. Conforme aponta Daloz (1986 apud BELLODI, 2021), o mentor oferece suporte, provoca desafios e amplia visões sobre um projeto ou problema. No contexto do LabIC, esse papel se materializava menos como direção técnica e mais como acompanhamento atento, escuta qualificada e estímulo à reflexão coletiva. Até então minha experiência estava ligada apenas à academia, orientando alunos no desenvolvimento de suas atividades e projetos de conclusão de curso. Após alguns meses me preparando para o evento, nos quais busquei conhecer, pelas redes sociais do LabIC, os projetos que seriam desenvolvidos, entender mais sobre inovação e descobrir como eu poderia colaborar para a discussão e desdobramento das propostas, o tão esperado dia chegou.

Em novembro do mesmo ano, na cidade de Jaraguá do Sul, o Laboratório de Inovação Cidadã lançou seu 1º Workshop, numa noite festiva com autoridades e apresentações das equipes e projetos. Esse primeiro momento buscou desenvolver um espaço de aproximação afetiva e de interação entre os participantes, visando estreitar a relação entre eles. Logo no cadastramento foi proposta uma dinâmica aos participantes, na qual além de identificar seu nome no crachá, cada indivíduo deveria informar um assunto com o qual gostaria de conversar com os

demais presentes no evento. O que promoveu inicialmente uma feliz troca entre os participantes, possibilitando a discussão de diversos temas, estando ou não ligados aos projetos que seriam trabalhados no evento. Essa interação inicial foi fundamental para “quebrar” qualquer barreira que pudesse bloquear as trocas que viriam na sequência.

No contexto do LabIC Novale, o papel do mentor não se restringia à busca por resultados finais ou soluções prontas. Seu objetivo principal era criar um ambiente acolhedor e de confiança, capaz de estimular reflexões, abrir perspectivas de futuro e sustentar processos coletivos de aprendizagem. Tratava-se, sim, de orientar decisões, mas também de acompanhar os grupos em seus percursos, ajudando-os a formular perguntas, reconhecer potências e lidar com as incertezas próprias dos processos de inovação cidadã. No dia seguinte, com as equipes formadas e reunidas, os mentores foram direcionados a acompanhar os grupos, escutar as problemáticas por eles levantadas e ao final analisar como poderiam contribuir para a evolução dos seus projetos.

Após as orientações da coordenação e do momento de conversa com as equipes, cada mentor foi direcionado a acompanhar um grupo com o qual sua área de conhecimento tinha maior afinidade. Mesmo “responsável” por um grupo específico, os mentores poderiam auxiliar outros grupos, esclarecendo dúvidas e/ou fazendo sugestões para colaborar com o projeto.

O processo de mentoria envolveu uma série de etapas, cada uma com diferentes objetivos e metas. Foi estabelecido entre mentores e equipes um sistema de comunicação confiável, no qual todo o processo deveria ser discutido entre os envolvidos sempre abrindo espaço para escuta e análise. Durante essa fase, os mentores forneceram um feedback honesto e construtivo para os grupos, enquanto juntos os integrantes refletiram sobre as forças e fraquezas de seus projetos e como se daria sua execução. Estabelecida essa relação de confiança, mentores e grupos trabalharam juntos para construir acordos, refletir sobre possibilidades e, a partir do ritmo de amadurecimento de cada proposta, estabelecer metas e definir um plano de ação. Além dessas ações, coube aos mentores auxiliar no monitoramento do progresso da equipe, fornecendo constante feedback e assegurando o cumprimento do cronograma. Por fim, ambos, mentor e mentorado, avaliaram os resultados e os grupos organizaram suas apresentações.

Além de acompanhar o trabalho dos grupos, estive diretamente focado em colaborar com a equipe responsável pelo projeto Biblioteca Virtual Para Todos. Uma iniciativa que surgiu a partir da vivência do proponente em uma de suas viagens pelo exterior. A proposta, que já havia sido implementada em outras cidades, ganharia agora uma adaptação para a realidade local buscando uma ferramenta para disponibilizar livros de forma gratuita, estimular o hábito da leitura e consequentemente incentivar a comunidade local a consumir mais livros.

As discussões, referente ao projeto da biblioteca virtual, se estabeleceram em um ambiente considerado acolhedor, leve e respeitoso, a equipe utilizou diferentes ferramentas para organizar suas ideias e levantar informações sobre o tema proposto, o que proporcionou aos participantes a sensação de liberdade e segurança para debater de forma profunda os mais variados assuntos. Ao final do segundo dia, haviam elaborado um esquema que poderia ser prototipado no dia seguinte e apresentado ao grande grupo.

A organização do evento buscou reunir em cada grupo indivíduos com diferentes perfis e formação, o que enriqueceu as discussões e proporcionou uma grande troca de experiência entre eles. O processo colaborativo fortaleceu o momento de criação e desenvolvimento das propostas; a troca e a empatia entre mentores e participantes foi fundamental para que ao final do evento o grupo alcançasse o resultado esperado.

Como mentores, nossa meta foi auxiliar as equipes, fornecendo recursos e conhecimentos que de alguma forma pudessem contribuir no desenvolvimento de seus projetos. Proporcionar aos participantes um lugar seguro e acolhedor, de não julgamento, permitindo aos indivíduos expressar suas ideias e opiniões.

A partir das conversas, reflexões e análises realizadas durante os dias do evento, a equipe proponente do projeto Biblioteca Virtual, optou por iniciar um piloto com a instalação de tótems em pontos de ônibus pela cidade. Seria utilizada uma comunicação atraente, com informações sobre o projeto e instruções por meio de QRcodes que direcionariam o usuário para um site no qual o mesmo poderia ler um livro digital de domínio público. Além de prototipar o site/biblioteca digital, o grupo criou um mascote, que seria o responsável por apresentar o projeto e se comunicar com o público-alvo.

No ambiente do laboratório, o mentor contribuiu para a identificação de oportunidades de ação, articulação e experimentação, auxiliando os grupos na organização de ideias, na definição de próximos passos e na tradução de intenções em propostas concretas. Essa contribuição se dava a partir do compartilhamento de experiências e do diálogo constante, respeitando as especificidades de cada projeto e do contexto em que ele se inseria.

FASE 2 - FORMA-SE O CIDADÃO

Ao longo do ano seguinte ao primeiro Workshop, o LabIC realizou encontros presenciais e virtuais com discussões que se relacionavam com os projetos desenvolvidos no evento.

Tive a oportunidade de participar ativamente dos encontros virtuais, uma experiência ímpar que me permitiu conhecer outros profissionais e realidades, ampliando minha visão de mundo e dos diferentes processos que levam à inovação.

Assim como no evento presencial, os participantes desses encontros eram de áreas de atuação e localidades distintas. Esses diferentes perfis, permitiram que as temáticas abordadas florescessem ricas discussões e reflexões sobre a sociedade que estamos vivendo e aquela que almejamos viver enquanto indivíduos e profissionais. As conversas proporcionadas pelos encontros foram fundamentais no preparo para minha participação no 2º Workshop, pude entender melhor sobre como é o processo de inovação, como os laboratórios cidadãos contribuem no desenvolvimento e realização de projetos sociais e como meu repertório profissional e pessoal poderiam colaborar com as propostas que seriam trabalhadas na edição.

Esse segundo workshop conseguiu ser ainda mais experiencial que sua primeira edição. Com momentos de imersão e envolvimento dos participantes mais intensos. Além da dinâmica do crachá, que se faz fundamental para que as pessoas se sintam mais à vontade para conversar sobre diferentes assuntos, tivemos momentos em que corpo e mente foram envolvidos, na busca para entender o espaço e ambiente em que vivemos e como cada estímulo que surge ou é proposto pode

ser capaz de provocar mudanças nele e nas relações entre os indivíduos.

Existem momentos que somos levados a acreditar que a nossa realidade nos impede de mudar ou torna o processo da mudança mais doloroso, difícil ou até impossível. As mentorias nessa segunda edição foram guiadas por profissionais atuantes em projetos sociais concebidos dentro da universidade ou em laboratórios cidadãos de outros estados e países. Observar as realidades de outras localidades, as dificuldades vivenciadas e as soluções encontradas para seus problemas, mostrou que ações de inovação, o processo de conscientização e o envolvimento do cidadão se faz possível e necessário, mesmo com todas as adversidades que possam surgir.

O discurso que nasce da vontade de mudar pode soar em muitos momentos como utópico. As trocas que aconteceram no eventos mostraram que a mudança não é um processo simples, ela pode ser dolorosa, frustrante ou levar um longo tempo para acontecer, mas não é impossível. O envolvimento de profissionais e cidadãos engajados com as causas sociais é o que torna o processo de mudança capaz. Essa relação vai muito além de um simples encontro para discutir problemas e possíveis soluções, ela traz benefícios para ambos os envolvidos.

A fase que antecedeu a etapa de mentoria me levou a algumas reflexões. Enquanto profissional, me fez refletir sobre minha trajetória, minhas experiências e de que forma todo esse saber é capaz de colaborar com projetos de inovação. Enquanto cidadão me fez pensar sobre minha rotina, minha “bolha social” e como, mesmo que minimamente, eu poderia atuar como agente de mudança e transformação social.

CONCLUSÃO

No contexto da inovação cidadã, a mentoria se apresenta como uma prática que vai além do apoio técnico ao desenvolvimento de projetos. Ela contribui para a construção de conhecimento situado, ancorado nas experiências, nos saberes locais e nas condições dos territórios. Ao fortalecer a autonomia dos

participantes, a mentoria estimula a reflexão crítica sobre os desafios coletivos e amplia a capacidade dos grupos de formular perguntas, testar caminhos e construir respostas de forma compartilhada. Ao longo desse processo, mentor e mentorados aprendem conjuntamente, ampliando seus repertórios e sua capacidade de agir de maneira consciente e comprometida no mundo.

Por mais que sua presença nesse processo seja de transmitir seus conhecimentos com base na sua experiência profissional, a mentoria também conduz o mentor a avaliar sua trajetória, suas habilidades de comunicação e empatia com os demais indivíduos, visitar suas vivências e analisar como o processo também se faz necessário na sua formação pessoal e profissional.

Como parte do processo de inovação a mentoria se mostrou uma ferramenta importante para o fortalecimento e desenvolvimento dos projetos. Quando, por meio de conversas e reflexões, os participantes são estimulados a “ir além”. Uma vez que o processo colaborativo envolvendo diferentes perfis e experiências é enriquecedor, ele também exige um maior cuidado e acolhimento, para estabelecer um ambiente confiável e livre de julgamentos. Esse estímulo favorece a capacidade mental e emocional do indivíduo, favorecendo a comunicação e fortalecendo o processo criativo.

Como vivência, a mentoria promove a comunicação de diferentes saberes e experiências, proporciona novas relações, favorece o desenvolvimento do indivíduo enquanto profissional e cidadão atuante e engajado na resolução de problemas coletivos.

Agradeço imensamente ao LabIC Novale pela oportunidade de participar e vivenciar essa experiência criativa e transformadora. Iniciei essa jornada como especialista em design e comunicação e sigo nela, não apenas como profissional, mas como cidadão interessado em encontrar formas inovadoras de transformar e melhorar a cidade em que vivo e os lugares por onde transito.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, L. A. R.; MURTA, K. M. P.; SOUZA, T. N. V. P.; MOLINARI-GOMES, L. C. Mentoria: vantagens e desafios da educação on-line durante a pandemia da Covid-19. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, supl. 1, 2021.

BELLODI, P. L. Cartas a um jovem mentor: aprendendo mentoria com os clássicos. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, supl. 1, 2021.

CALSING, I. W.; HEIDEMANN, L. A. Um estudo sobre a influência de um programa de mentoria na motivação para a persistência de licenciandos em física durante o ensino remoto emergencial. **Revista Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 25, 2023.

SILVEIRA, L. M. C.; BELLODI, P. L.; DINIZ, R. V. Z.; AFONSO, D. H. Mentoria em contexto. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, supl. 1, 2021.

**Rosane Vasconcellos Zanoti
Antonio Carlos Queiroz Filho**

**CAPÍTULO 5.
CONEXÃO:
A EXPERIÊNCIA DA
"METODOLOGIA PCE -
PERCEPÇÃO, COLABORAÇÃO,
ENGAJAMENTO" E
OS DESAFIOS E
POTENCIALIDADES DOS
LABORATÓRIOS DE
INOVAÇÃO CIDADÃ**

INTRODUÇÃO

por **Carlos Queiroz**

Esse texto foi escrito a quatro mãos. Trata-se de dois relatos, experienciados por cada um de nós, no contexto do 2º Workshop Labic Novale, um Laboratório de Inovação Cidadã do Novale Hub, em Jaraguá do Sul - SC, idealizado e conduzido por Laryssa Tarachucky. Primeiro, vocês poderão ler um relato de experiência escrito por mim (e eu prefiro Carlos Queiroz apenas), sobre a dinâmica de interação conduzida logo no início do evento, que tinha por objetivo trabalhar a questão da conexão entre as pessoas e, essencialmente, ativar a sensibilidade para o que viria a seguir: uma jornada de trocas, onde o estar aberto a ouvir o outro seria a matéria-prima essencial de todo o processo de criação e inovação. Posteriormente, vocês terão acesso aos escritos da Rosane, onde ela partilha com todos nós suas percepções e reflexões sobre o laboratório como um todo, destacando, também, essa relação entre a particularidade de cada um e o horizonte coletivo que ali é gestado no fecundo campo do diálogo e das trocas, o que estamos chamando de interações humanas significativas. Fica aqui o convite e o desejo de uma boa leitura.

METODOLOGIA PCE E A CARTOGRAFIA DOS AFETOS

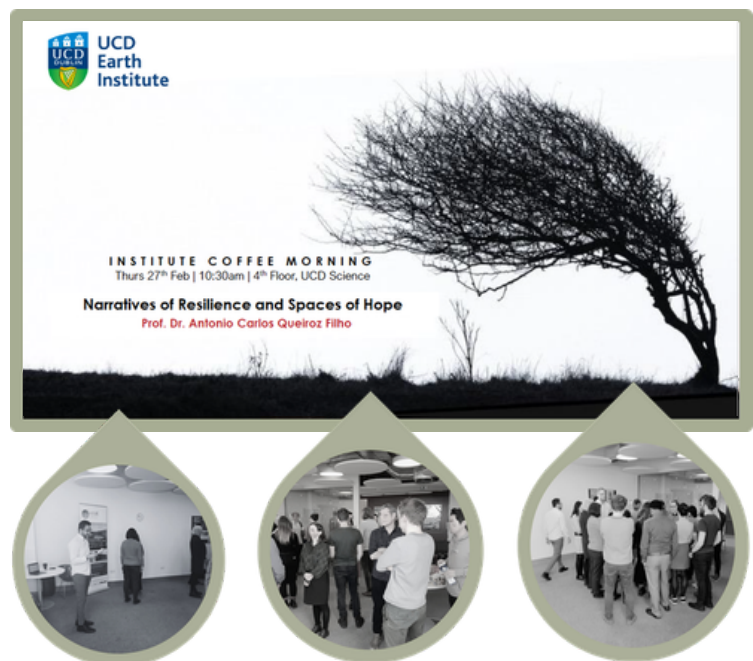
por **Carlos Queiroz**

Foi emocionante ver como o grupo se permitiu experienciar verdadeiramente a dinâmica “cartografia dos afetos”. É através dessa atividade que busco compartilhar um pouco da “Metodologia PCE - Percepção, Colaboração e Engajamento”, doravante m.PCE. Esse é um procedimento aberto e adaptável, que venho desenvolvendo ao longo dos últimos 4 anos, articulando meus estudos sobre corpo, dança e artes visuais, com as questões sobre a cidade contemporânea, tendo como ponto de partida e chegada, provocar processos de interações humanas significativas.

O lúdico e o artístico entram, assim, em diálogo, tendo como finalidade o desenvolvimento da percepção, colaboração e

engajamento de pessoas ali envolvidas em cada vivência realizada. O motivo que preenche a condução desse processo varia dependendo de qual valor, conceito ou argumento tem-se interesse de trabalhar.

Em Dublin, por exemplo, tive a oportunidade de conduzir a m.PCE sob a perspectiva das relações resilientes e sustentáveis. Isso porque essa foi uma ação realizada no contexto da experiência tive em fevereiro de 2020, na University College Dublin – UCD, onde atuei como Professor Visitante no Earth Institute - UCD (Dublin, Irlanda) por 30 dias, participando diretamente do Projeto "[Coastal Communities Adapting Together](#)" (CCAT). Este é um projeto financiado pela União Europeia no âmbito do programa da Irlanda do País de Gales. O Mar da Irlanda e suas comunidades costeiras são diretamente impactadas pela mudança climática. O Projeto CCAT visa responder ajudando a construir resiliência (capacidade de adaptação às mudanças), facilitar a cidadania marinha e climática, e realizar o potencial da região do Mar da Irlanda (re)conectando as comunidades costeiras com seu lugar, seus sistemas costeiros dinâmicos e nosso clima em mudança.



Essa atividade foi inspirada no conceito de "Espectador Emancipado" de Jacques Rancière, que vê o ato de escrever e observar como uma maneira de ocupar os sentidos e dar significado a essa ocupação (Rancière, 2014). Para isso, a proposta consistiu no pedido inicial para os participantes formarem pares e irem se posicionando um de frente para o outro. Enquanto isso, uma leitura performática iria conduzir o processo, que demandava, inicialmente, o exercício de uma escuta atenta e focada no momento presente. Uma trilha sonora acompanhou a leitura, e os participantes foram incentivados a se concentrar nas palavras, na música e no rosto (e olhos) da pessoa à sua frente. Foi introduzido um dispositivo chamado "gatilho", onde os participantes deveriam dizer em voz alta, as palavras do texto que estava sendo lido que provocasse neles ideias, pensamentos ou memórias durante a leitura. Este exercício, por fim, conseguiu promover aquilo que considero o valor primordial da ideia de resiliência comunitária: a intimidade e a confiança entre os participantes.

Um processo semelhante também foi realizado no evento URBinLUNCH, organizado pelo URBinLAB, da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, também em fevereiro de 2020.

21 de Fevereiro
1300-1500

URBinLUNCH

ALMOÇO (cada um traz o seu)
COM CONVERSA (todos trazem para partilhar)

Prof. Carlos Queiroz
Narrativas de resiliência e espaços de esperança
A resiliência como projeto e prática cotidiana que sugere como fundamento um pensar-dizer-agir, sobretudo, autónomo. Isso porque, do mesmo modo que nossas subjetividades podem e são capturadas para produção de hegemonias e automatismos de pensamentos-ações, também podem ser fundamento para produção de esperança e resistência.

Dr. Bruno de Andrade
Geodesign aplicado ao engajamento cidadão no planeamento adaptivo às mudanças do clima
O Geodesign como método de planeamento participativo da paisagem, e suas recentes aplicações no redesenho urbano e modificações do uso e ocupação do solo como enfrentamento aos impactos das mudanças climáticas na Europa, principalmente, relativos à erosão costeira e inundação. A colaboração de jovens no processo de Geodesign como novo desdobramento da democracia participativa.

Por questões logísticas, solicitamos inscrição até dia 19 de Fevereiro em:
<https://forms.glo/bX2akDjpy7W1Qe7>

Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa, Rua 54 Nequeros, Polo Universitário, Alameda de Paris, Lisboa

FAUD
Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa

URBinLAB

Na ocasião, não tive que me preocupar com uma “barreira” que pode acontecer nesse tipo de atividade, que seria aquela relacionada à tradução, especialmente quando falamos de textos poéticos e sua correlação com os aspectos culturais do públi-

co. Em Lisboa, utilizei um ensaio poético escrito por mim, em português. Em Dublin, não foi possível traduzir esse material, o que me fez adaptar o processo, onde selecionei um conjunto de trechos de palestras e cenas de filmes falados na língua inglesa, tentando, de alguma forma, manter o caráter provocativo e imersivo da leitura performática. Compartilho a seguir os slides da apresentação que foi feita como preâmbulo da atividade:





Foi a partir dessas duas atividades que comecei a pensar no ajuste de incluir o processo de criação de um mapa de ideias, contendo as palavras ecoadas pelos participantes durante a leitura performática. Embora isso não tenha sido realizado nesta instância, ambos os exercícios deixaram evidente o potencial para desenvolver habilidades essenciais para a perspectiva da responsabilidade coletiva e da ética do cuidado. De todo modo, deixo aqui a indicação do artigo "[Landscapes of Hope: weaving shared values through resilience narratives and serious geogames](#)", onde constam apontamentos e reflexões sobre essa atividade. Destaco, entretanto, o seguinte trecho:

This is an exercise of intimacy and trust, given the long pause and experimentation of slowness when only the face of another person is seen as the field of perspective, visual, culminating in the occasion when each participant should offer a sincere compliment and a warm hug to their partners. (Andrade; Queiroz Filho, 2020, p. 206).^[1]

^[1] Tradução livre: "Esse é um exercício de intimidade e confiança, dada a longa pausa e a experimentação da lentidão quando apenas o rosto de outra pessoa é visto como o campo de perspectiva, visual, culminando na ocasião em que cada participante deve oferecer um elogio sincero e um abraço caloroso a seus parceiros".

Depois, tive a oportunidade de realizar outra ação na ocasião do estágio técnico-científico que realizei na TUDelft entre os meses de abril e maio de 2022. Lá, pude colaborar e participar de atividades no âmbito da cátedra TUDelft - UNESCO, intitulada *Heritage Values: Heritage and the Reshaping of Urban Conservation for Sustainability*, Delft, Holanda. Mais especificamente, foi realizado um conjunto de atividades relacionadas ao estudo de campo e workshops com a comunidade local na paisagem histórica urbana de Faro (Portugal), concernentes

às atividades do programa de mestrado *Master of Science in Architecture*, disciplina MSc3 "*Revitalising Heritage: Faro Convention Labs*".

No capítulo "Paisagear Afetos: antes ver, sentir (ou quando a paisagem começa pelos pés)", que é parte do livro "[Além do que a vista alcança: sobre paisagem como dobras de sentidos](#)", vocês poderão encontrar o roteiro da atividade que foi realizada com os estudantes holandeses que foram fazer seu trabalho de campo em Faro. Também, de forma mais detalhada, consta a fundamentação conceitual e as ferramentas que têm orientado a m.PCE, enfatizando que "a articulação dessas balizas configura um framework de trabalho, aberto e sempre em atualização" (Queiroz Filho, 2022, p. 38).

O referido roteiro foi pensado em rotas. A questão fundamental a ser trabalhada com os alunos tratava da importância do ouvir o outro, justamente por se tratar de um trabalho de campo que tinha por objetivo, "coletar" da comunidade, dados e informações que pudessem orientar seus respectivos projetos de mestrado em Arquitetura, na perspectiva de considerar efetivamente participação do público envolvido com aquela futura e possível transformação. Tivemos, assim, a **Rota da Percepção**, que foi dividida em 3 momentos:

- primeiro: espaço e ritmos
- segundo: escutar as paisagens do silêncio
- terceiro: cartografia dos afetos

Na sequência, tivemos a **Rota da Colaboração**, assim dividida:

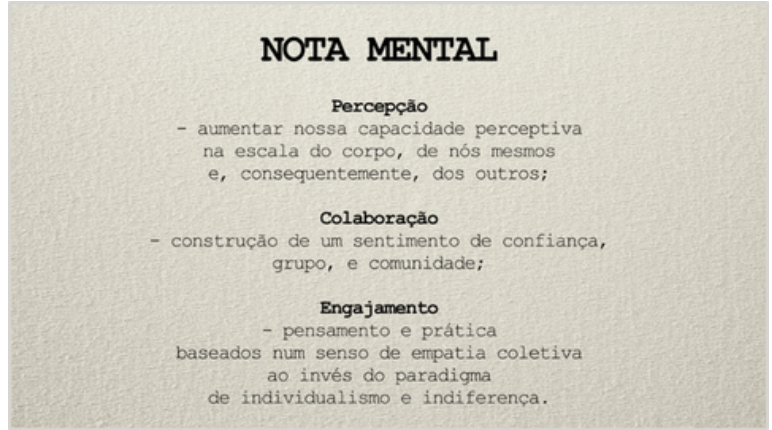
- linhas de fuga e redes de afeto
- atravessamentos

Por fim, chegamos na **Rota do Engajamento**, com as seguintes atividades:

- apoio, contato e equilíbrio
- novos modos de atravessar

A dinâmica teve duração de aproximadamente uma hora. No vídeo "[Percepções sobre Faro: a cura pelo patrimônio](#)", que foi principal produto dessa minha experiência em Faro, vocês po-

dem visualizar e identificar melhor cada uma dessas rotas/etapas. A exemplo do que compartilhei no capítulo antes citado, deixo aqui também um fotograma do vídeo, que indica os objetivos a serem alcançados em cada uma das rotas/etapas.



Alguns meses depois desse mesmo ano, eu tive a alegria de ter sido um dos pesquisadores convidados para compor o time de mentores do 2º Workshop LabIC Novale, que ocorreu entre os dias 15 e 18 de setembro de 2022. A proposta da dinâmica de interação que propus teve como ponto de partida a necessidade identificada pela organização do evento, de trabalharmos com a ideia da conexão, no sentido de promover uma aproximação inicial entre os participantes, considerando que os grupos formados eram compostos, em sua maioria, por pessoas que não se conheciam previamente. Compartilho, a seguir, o infográfico do roteiro da dinâmica realizada:



PARTE 2



(7 minutos)

- CONDUZIR AS PESSOAS PARA DEITAREM NO CHÃO
- QUANDO TODOS ESTIVEREM NA POSIÇÃO, INICIAR A POESIA SONORA.



PARTE 3



(Até 10 minutos)

- FORMAR GRUPOS (LENTAMENTE AS PESSOAS SE LEVANTAM, FORMAM PEQUENOS GRUPOS (MÁX. 4) AO REDOR DE CARTOLINAS PREVIAMENTE ESPALHADAS PELO AMBIENTE
- QUANDO TODOS ESTIVEREM NA POSIÇÃO, PEDIR PARA CADA UM RELATAR PARA O OUTRO O "PERCURSO IMAGINATIVO" FEITO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA COM A POESIA SONORA. PARA ISSO, IDENTIFICAR NA CARTOLINA.
 - um local
 - uma memória
 - uma emoção

PARTE 4



(5 minutos)

- PEDIR PARA AS PESSOAS CIRCULAREM PELO AMBIENTE OBSERVANDO O QUE FOI ESCRITO NAS CARTOLINAS
- UTILIZANDO FITA CREPE, CADA PESSOA VAI ESCOLHER CONECTAR UM/UMA LOCAL/MEMÓRIA/EMOÇÃO SUA COM QUALQUER OUTRO LOCAL/MEMÓRIA/EMOÇÃO QUE ESTEJA NAS DEMAIS CARTOLINAS. (ESSA CONEXÃO PODE SER FEITA POR IDENTIFICAÇÃO VIA SEMELHANÇA OU DIVERGÊNCIA)
- AO FINAL, TEREMOS UMA GRANDE REDE DE LOCAIS-MEMÓRIAS-EMOÇÕES.

PARTE 5



(5 minutos)

- TODOS FORMAM UM GRANDE CÍRCULO E, ABRACADOS, PENSAM NUMA PALAVRA QUE EXPRESSE O QUE A VIVÊNCIA SIGNIFICOU PARA CADA UM
- NA CONTAGEM DE 3 TEMPOS, TODOS DIZEM A PALAVRA QUE PENSOU, EM VOZ ALTA E AO MESMO TEMPO
- REPETIR O PROCESSO ATÉ FICAR MAIS OU MENOS UNÍSSONO (SUGESTÃO MÁX. 3x)

Foi mesmo uma grande emoção perceber como um fazer-juntos traria, para a escala de si mesmo, a potência que o encontro com o outro promove. A imagem que me faz eco é do emara-

nhado de nós afetivos que nossa cartografia deu conta de apresentar. Rede de afetos gestados no encontro pela confiança, entrega e permissão.



E não há possibilidade de falar de colaboração e de engajamento, se não houver, antes, *percepção*, no sentido mencionado antes: de nós mesmos e dos outros.

Percepções são baseadas, tanto na reserva biológica inata, quanto no processo de aprendizado cultural e social. Esse é o argumento que nos é apresentado pelo Dr. Jan Kyrre Berg Olsen Friis no seu artigo, intitulado "*Perception: Embodiment and Beyond*", publicado em 2012 na revista *Foundations of Science*. O renomado professor do Departamento de Saúde Pública da Universidade de Copenhague explica que não é de hoje que ocorre o debate que se faz dentro do campo de estudos sobre os elementos presentes na decodificação da percepção.

Ele inicia essa explicação apontando para os estudos de Demócrito, um filósofo pré-socrático da Grécia Antiga. Demócrito, explica Friis, desde cedo já fazia uma distinção entre aquilo que é percebido pelos sentidos e o que é adicionado à representação do percebido pela mente humana através do ato de percepção. Esse discernimento se baseava na distinção entre aquilo que ele denominou de *qualidades sensoriais primárias objetivas* e *qualidades sensoriais secundárias subjetivas*.

Na sequência, o autor traz John Locke, filósofo inglês que ficou conhecido como fundador do empirismo. A partir do trabalho de Robert Boyle, filósofo, físico e químico irlandês, Locke tentou trazer essa distinção à tona através de experimentos simples (para saber mais, ver o artigo mencionado). E foi a partir dele que se estabeleceu um dos principais fundamentos nas teorias modernas de percepção: o objeto *objetivamente* dado e a imagem que "vemos" como observadores.

Posteriormente, Friss traz as reflexões feitas por Helmholtz, um matemático, médico e físico alemão. Helmholtz entende que a percepção é uma operação *multicamadas*, envolvendo mais do que apenas uma imagem retiniana (por isso tenho lançado mão da leitura performática e da poesia sonora como dispositivos disparadores). A percepção, segundo ele, pode ser compreendida como:

- a) uma mistura de entrada sensorial;
- b) influências de expectativas;
- c) e fragmentos de conhecimento, formando pensamentos perceptivos.

A percepção, afirma, é sempre uma mistura e sua interpretação sempre envolverá disposições subjetivas e antecedentes pessoais. Friss ressalta que a diferença entre as interpretações de observadores sugere que distintos elementos não explicitados, concernentes a cada pessoa, cultura ou até mesmo camada social em uma sociedade, influenciam na interpretação. Essa variação evidencia que as percepções são moldadas por fatores individuais, culturais e sociais, resultando em leituras distintas do mesmo estímulo.

É isso que também aponta Bruno Edgar Ries, no seu capítulo publicado no livro "Psicologia e Educação: fundamentos e reflexões (2004)". Ries trata no seu texto das diferenciações sobre [sensação e percepção](#). Ele explica que "a percepção representa um dos fenômenos psíquicos mais complexos. Ela não pode ser reduzida a um processo eminentemente fisiológico e, nem tampouco, ser considerada independente desta atividade" (p. 50). Ries segue explicando que é pela atividade sensorial que normalmente se inicia o processo perceptivo, apesar de, segundo ele, nem toda percepção ser dependente da atividade sensorial.

Mas o que interessa mesmo é justamente compreender que a percepção não é exclusivamente algo resultante de uma ação decodificadora. Há, para o autor, um universo pessoal que é o que promove a interpretação daquilo que "entra" e que, por sua vez, também é algo passível de ser um construto preenchido de intencionalidades anteriormente estabelecidas. É o caso, por exemplo, da escolha intencional de uma poesia sonora como dispositivo disparador de sensações. A intencionalidade está presente precisamente nas muitas camadas mediáticas que constituíram essa escolha: uma poesia para ser escutada sob determinadas condições específicas: todos deitados e de olhos fechados.

Por isso, reverbera tanto em mim a ideia que Ries (2004, p. 51) conclama quando diz que "nós não vemos as coisas como elas são e, sim, como nós somos". Daí também a escolha da cartografia dos afetos como método, para dar a ver para o conjunto de pessoas ali presentes na atividade justamente aquilo que diz desse "nós somos", produzido naquele contexto, a partir daquilo que foi visto (na verdade, escutado), como um "ver de ouvir" da sensibilidade que se lança ao poético das sensações.

E eu escuto esse poema. Ele ressoa em mim. Meu corpo, como uma cartografia sensível, fotografa pelos pés o cheiro do sonho e os silêncios desse corpo-pele, que vibra e repercute aquilo que foi tornado meu. Ecos de um espaço extensivo que configura, no presente imaginado, uma grafia intensiva feita de alusões, sensações, desejos e sonhos. Conjunção de afetos que diluem fronteiras. Deslizes do que pode ser, diante daquilo que foi. (Queiroz Filho, 2021, p. 127)

Essa é, sem dúvida, a perspectiva que interessa a mim, quando da elaboração das dinâmicas de interação dentro da Metodologia PCE. Sigo, também, na esteira de Susanna Siegel e Nicholas Silins, especialmente no texto "The Epistemology of Perception" publicado no livro, "[The Oxford Handbook of Philosophy of Perception](#)". Os autores abordam diferentes perspectivas filosóficas sobre como as experiências podem justificar crenças. Alguns afirmam que essa transição é meramente causal, enquanto outros argumentam que a justificação pode ocorrer racionalmente. No entanto, para eles, as experiências podem, sim, justificar crenças sobre o mundo externo.

O foco deles segue então no exercício de buscar compreender como as características das experiências contribuem para a justificação de crenças no mundo externo. Já o meu, está em buscar promover tais experiências, na expectativa de poder contribuir com um mundo mais horizontal e coletivo. Finalizo, pois, em eco com os citados autores, quando dizem:

- "**experiences can justify beliefs**".^[2]

INTERAÇÕES HUMANAS SIGNIFICATIVAS

por **Rosane Zanoti**

Cada indivíduo que se aproxima de um Laboratório de Inovação Cidadã traz consigo uma bagagem única, composta por suas vivências, saberes e perspectivas. É justamente essa diversidade que torna esse ambiente tão fértil para a criatividade e a colaboração. Além dos indivíduos, os diálogos também acontecem com as entidades envolvidas em cada proposta, sejam elas empresas privadas, governo, academia, organizações sem fins lucrativos e outras instituições da sociedade civil. No entanto, para que essa colaboração seja efetiva, é preciso reconhecer e respeitar a singularidade de cada um, pois é justamente essa pluralidade que torna a inovação cidadã uma experiência enriquecedora.

Nesse texto, e a partir da minha entrada no universo inspirador da Inovação Cidadã, trago o recorte de um componente do processo que despertou em mim atenção e reflexões: a interação.

Cada Laboratório de Inovação Cidadã é um espaço onde o talento humano é convocado para criar soluções inovadoras para desafios sociais e urbanos. E a potência desses ambientes está na interação entre os participantes. A colaboração é o motor que move esses laboratórios, e ela só é possível quando há diálogo, troca de conhecimentos e construção coletiva. É nessa atmosfera de aprendizado mútuo que as ideias começam a fluir, e novas perspectivas se abrem para a criação de soluções criativas e realmente transformadoras. No entanto, a interação não é algo que acontece por acaso. É preciso que

^[2] "As experiências podem justificar as crenças" (tradução nossa).

haja um ambiente acolhedor, onde cada indivíduo seja valorizado por suas habilidades e singularidade. É preciso que haja espaço não só para o diálogo, mas também para a escuta ativa e a empatia. É preciso que haja respeito mútuo e confiança.

Quando a interação é pensada como um valor fundamental, podemos explorar toda a potência desses encontros. Mas, antes de percorrer este tema, emerge uma abordagem sobre as iniciativas coletivas.

O tema da colaboração vem ganhando destaque em diversas áreas do conhecimento, impulsionado por fatores como o avanço das tecnologias de informação e comunicação e a crescente complexidade dos problemas sociais e ambientais.

No campo da Educação, a colaboração é amplamente discutida entre os teóricos e educadores, pois é considerada uma prática fundamental para o desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais e cognitivas. Destaco Piaget (1978, 1990), autor que desenvolveu a teoria construtivista da aprendizagem e enfatiza a importância da interação social e da colaboração no processo de construção do conhecimento; Gardner (1993), que propôs a teoria das inteligências múltiplas e destacou a importância da colaboração no desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais; Freire (2011, 2014), que propôs a teoria da educação como prática da liberdade e evidenciou a importância da colaboração e do diálogo no processo de ensino-aprendizagem; Skliar (2006, 2016) que argumenta que a educação deve ser pensada como um processo que valorize e reconheça as diferenças entre os indivíduos, ao invés de tentar padronizá-los, e que promova a inclusão e a participação ativa de todos na construção do conhecimento; e Vygotsky (1984), que propôs a teoria sociocultural do desenvolvimento humano, a ser retomada mais à frente.

No campo das Ciências Sociais, aponto autores que destacam a importância da colaboração para a produção de conhecimento, a organização social e a transformação da sociedade: Lévy (2003) propõe uma reflexão sobre as mudanças sociais e culturais provocadas pelas tecnologias digitais e a colaboração em rede; Castells (2003) apresenta uma análise da sociedade contemporânea em termos de sua organização em redes e as consequências disso para a política, a economia e a cultura;

Jacobs (2000) ressalta a importância da colaboração e da interação social para o desenvolvimento urbano e a construção de comunidades outras; e Hooks (2000) enfatiza que a colaboração não deve ser vista apenas como um meio para alcançar um objetivo, mas como uma forma de viver e trabalhar juntos de maneira ética e sustentável.

No campo do Design, entre os autores que teorizam sobre a colaboração como uma prática fundamental para a produção de projetos e soluções mais efetivas e inovadoras, sublinho Manzini (2015), que propõe uma abordagem participativa e colaborativa para o design, enfatizando a importância da cocriação e do envolvimento da comunidade na criação de soluções mais sustentáveis e socialmente responsáveis; Kimbell (2011, 2012) que propõe uma reflexão crítica sobre a colaboração no processo de design e a necessidade de se considerar os diferentes papéis e perspectivas dos colaboradores envolvidos; e Sanders e Stappers (2014), que tratam das metodologias colaborativas no design e suas implicações para a prática contemporânea.

O objetivo aqui não é realizar um mapeamento detalhado das diversas abordagens sobre o tema da colaboração. É preciso destacar que, além dos campos já mencionados, tais como educação, design e ciências sociais, há muitos outros que têm se dedicado ao estudo e aplicação de iniciativas coletivas, como as artes e a cultura, a tecnologia da informação e a gestão de projetos e negócios, entre outros. A colaboração, portanto, é um tema presente em diversas áreas do conhecimento e vem sendo cada vez mais valorizada como uma ferramenta essencial para a solução de problemas complexos e para a criação de soluções inovadoras e sustentáveis.

Iniciativas que buscam coletivizar pensamentos e decisões, como os Laboratórios de Inovação Cidadã, devem ser celebradas enquanto possibilidades de percursos alternativos aos modelos individualistas e efêmeros da sociedade contemporânea, marcadamente nomeada por Marc Augé (1994) de sobremodernidade. O antropólogo francês explica que sobremodernidade é uma fase da história que se caracteriza tanto pela aceleração do tempo quanto pela homogeneização do espaço, o que leva a uma sensação de efemeridade, anonimato e desorientação na vida cotidiana. Augé (1994) argumenta que a ex-

periência humana está sendo cada vez mais definida pela falta de identidade e pelo isolamento, e informa que é preciso repensar nossa relação com o espaço público, com a memória coletiva e com a tecnologia.

A aceleração do tempo, um dos aspectos marcantes da sobremodernidade descrita pelo autor, está relacionada a uma série de mudanças que ocorreram nas últimas décadas, como o desenvolvimento da tecnologia, a globalização da economia e a expansão das redes de comunicação. Uma das principais consequências dessa aceleração é a sensação de que o tempo passa cada vez mais rápido, fazendo com que as pessoas tenham dificuldade em acompanhar o ritmo da vida contemporânea. Essa dificuldade não é causada exclusivamente pela instantaneidade das comunicações e pela sobrecarga de informação, mas também pela pressão por produtividade e por eficiência. A pressão que leva à intensificação do trabalho e da competição faz com que as pessoas se sintam pressionadas pelo movimento constante, que não permite tempo para o descanso ou para a reflexão.

Augé (1994) argumenta que essa aceleração do tempo pode levar a uma sensação de desorientação e perda de sentido na vida cotidiana, pois as pessoas se sentem cada vez mais isoladas e desconectadas do mundo ao seu redor. No entanto, o autor também aponta para a atenção a essa aceleração como uma oportunidade para novas formas de conexão e mobilização social. Ao reconhecer a fragilidade e a transitoriedade da vida contemporânea, as pessoas que escolhem trabalhar juntas criam locais de solidariedade e convivência, construindo novas formas de pertencimento.

Outro aspecto que destaco na sobremodernidade descrita por Augé (1994) é a homogeneização do espaço, relacionada à globalização da economia e a alguns aspectos do turismo, que levam a uma padronização dos espaços públicos em todo o mundo, projetados para serem facilmente reconhecidos e utilizados pelos visitantes, independentemente de sua origem ou cultura. Isso leva a uma sensação de falta de identidade, uma vez que os ambientes não têm uma história comum ou uma cultura compartilhada.

O autor defende que a homogeneização do espaço leva à cria-

ção de "não-lugares" (Augé, 1994), isto é, locais públicos sem identidade e caracterizados pela falta de relações significativas entre as pessoas. Exemplos de "não-lugares" incluem aeroportos, shoppings e quaisquer outros projetados para serem utilizados por um grande número de pessoas de forma anônima.

Segundo Augé (1994), a padronização do espaço pode gerar uma sensação de desorientação e perda de significado na vida cotidiana. No entanto, assim como em relação à aceleração do tempo, o autor argumenta que o incômodo com a homogeneização também pode ser encarado como uma oportunidade para novos modelos de encontro, conexão e mobilização social, especialmente a partir de iniciativas coletivas, antídoto potente para os "não-lugares".

As ações coletivas podem ser entendidas como uma forma de resistência à sobremodernidade de Marc Augé, na medida em que buscam criar encontros de efetiva participação coletiva. Ao compartilhar ideias para questões comuns e promover decisões em conjunto, essas iniciativas acabam por oferecer alternativas aos padrões individualistas e voláteis da sociedade contemporânea.

As iniciativas coletivas têm também uma potência fundamentada na ideia de que as pessoas são as principais conhecedoras de suas necessidades e desafios. Dessa forma, elas são capazes de propor soluções criativas e eficazes para superá-los. Essa potência está localizada especialmente nos saberes cotidianos que cada participante carrega consigo e aporta no projeto em que participa. Esses saberes são os "modos de fazer" conceituados por Michel de Certeau (2008), são as práticas cotidianas, rotineiras e criativas que os indivíduos usam para estabelecer relações sociais e culturais em seu dia a dia. Essas práticas incluem ações ordinárias, como ir ao mercado, andar pela cidade, cozinhar, utilizar o transporte público, conversar com outras pessoas e assim por diante.

De acordo com Certeau (2008), esses modos de fazer são muitas vezes ignorados ou desvalorizados pelas teorias sociais. As pessoas usam suas habilidades e conhecimentos para encontrar maneiras de lidar com os desafios do dia a dia, comumente improvisando e adaptando suas soluções a circuns-

tâncias específicas, o que resulta em uma diversidade de práticas culturais que não são facilmente capturadas pelas teorias sociais dominantes. No entanto, o autor argumenta que são esses modos de fazer que realmente definem a vida social e que são responsáveis por grande parte da criatividade e da inovação que acontece no mundo.

O autor enfatiza que os modos de fazer são geralmente realizados de maneira não sistemática e não intencional, isto é, são práticas frequentemente improvisadas e que não seguem um plano predefinido ou um conjunto de regras. Precisamente por isso Certeau (2008) destaca o quanto são relevantes, visto que permitem que as pessoas resistam e se adaptem às estruturas dominantes de poder e controle. Trata-se do conceito de "tática", que o autor explica em contraposição ao conceito de "estratégia".

Para Certeau (2008), estratégia é o plano concebido por uma autoridade ou poder dominante que busca impor sua vontade sobre um espaço, tempo ou grupo social. Por outro lado, tática é a maneira de agir dos indivíduos ou grupos que não têm poder suficiente para impor sua vontade diretamente, mas que encontram maneiras de subverter ou contornar as estratégias dos poderosos. As táticas são, portanto, a capacidade de inovação por parte dos indivíduos.

Os indivíduos são atores sociais que se apropriam dos espaços e dos recursos disponíveis em suas vidas cotidianas. Essa apropriação é fundamental para a criação de novas formas de vida e cultura e, ao alavancar um espaço de colaboração e troca de ideias, recursos e ferramentas, e ainda promover um ambiente que encoraje a criatividade e a experimentação, o Laboratório de Inovação Cidadã propicia que os indivíduos experimentem e testem suas ideias e táticas, permitindo que elas sejam refinadas e ampliadas a partir do retorno vindo da interação com outros participantes.

Interação é, portanto, a condição fundamental para que do encontro entre saberes, vivências, culturas e potências múltiplas desponte soluções inovadoras.

Habermas e Vygotsky, a partir de contextos históricos e perspectivas teóricas diferentes, colaboram para evidenciar a im-

portância da interação. Para Vygotsky (1984), a interação social é vista como um fator central no desenvolvimento cognitivo e na aprendizagem, enquanto para Habermas (2012), a interação comunicativa é vista como um requisito para a construção de uma sociedade democrática e justa.

Para Vygotsky (1984), a interação social é elementar para o desenvolvimento humano. O autor conceitua que o desenvolvimento cognitivo se dá por meio da interação entre os indivíduos e o meio, portanto o contexto sociocultural é importante para a evolução da linguagem e do pensamento. A aprendizagem ocorre principalmente através da interação social, especialmente nas primeiras fases da vida, isto é, quando um indivíduo interage com outra pessoa mais experiente em uma atividade ou tarefa que está além de sua habilidade atual. Essa interação permite que o sujeito adquira novos conhecimentos e competências, que, por sua vez, conduzem a um desenvolvimento cognitivo mais avançado.

A interação social descrita por Vygotsky (1984) deve acontecer dentro da zona de desenvolvimento proximal (ZDP), que seria a distância entre aquilo que o sujeito já sabe, seu conhecimento real, e aquilo que o sujeito possui potencialidade para aprender, seu conhecimento potencial. Portanto, a aprendizagem se dá nesse intervalo (ZDP), onde o conhecimento real é aquele que o sujeito é capaz de aplicar sozinho e o potencial é aquele que ele necessita do auxílio de outros para aplicar.

É possível observar os Laboratórios de Inovação Cidadã como aplicação dos valores de interação significativa propostos por Vygotsky (1984), posto que promovem uma abordagem colaborativa e participativa para a resolução de problemas comuns, destacam a importância do diálogo e da troca de conhecimentos entre os participantes como elementos essenciais para o processo de aprendizagem e desenvolvimento de novas habilidades, e concebem a ação colaborativa como um campo interativo entre pessoas distintas, mas engajadas na elaboração de conhecimentos que visam um fazer e um atuar no mundo.

As iniciativas coletivas reúnem indivíduos de diferentes origens, habilidades e perspectivas para trabalhar em conjunto em projetos que visam resolver problemas sociais complexos

em suas comunidades. Durante esse processo colaborativo, os participantes são incentivados a compartilhar conhecimentos e habilidades, promovendo uma aprendizagem coletiva e um desenvolvimento cognitivo mais avançado. Essas iniciativas permitem que as pessoas se engajem ativamente em questões importantes, além de promoverem a construção de uma rede de apoio e colaboração entre os participantes. O resultado desses encontros depende da criação de um ambiente de interação significativa que promova a compreensão mútua, o respeito mútuo e a confiança entre os participantes. Tais valores são essenciais para uma colaboração eficaz e para a produção de soluções inovadoras que abordam efetivamente os desafios socialmente contextualizados.

Habermas (2012) desenvolveu uma teoria da comunicação e da ação social que se concentra na ideia de interação comunicativa, ou seja, na troca de informações, ideias e opiniões entre os sujeitos. Nesse sentido, e particularmente nas iniciativas que buscam coletivizar pensamentos e decisões, a interação é a seiva responsável pelo desenvolvimento da semente plantada no início de cada processo, uma vez que a comunicação bem-sucedida é fundamental tanto para o surgimento quanto para o desenvolvimento das ideias. Para o filósofo alemão, a ação comunicativa é baseada na linguagem, na busca de entendimento mútuo e de consenso, e está na esfera pública o espaço para que essa ação ocorra de forma livre e igualitária.

Habermas (2012) explica que a interação comunicativa é diferente de outras formas de ação, como a ação estratégica, que está centrada na obtenção de objetivos específicos e a ação normativa, que se baseia em normas e valores estabelecidos. A interação comunicativa é apresentada como a forma mais importante de ação social, pois permite que as pessoas cooperem e construam uma visão compartilhada do mundo. O autor destaca que a interação comunicativa é a base da esfera pública - espaço de discussão em uma sociedade democrática, e, portanto, essencial para a democracia, uma vez que permite não só que os cidadãos discutam as questões públicas, mas também tomem decisões informadas.

Habermas (2012) defende que a ação comunicativa é a base para o desenvolvimento de uma ética universal que leve em

consideração a diversidade cultural e as diferentes perspectivas dos indivíduos. Nesse contexto, a linguagem é vista como um pressuposto fundamental, pois não se trata apenas de um meio para a comunicação de informações, mas também sustenta a coordenação de ações e a construção de significados compartilhados. Através da linguagem, as pessoas podem expressar suas necessidades, desejos e interesses, além de entender as necessidades, desejos e interesses dos outros, possibilitando assim uma interação relevante entre elas. Destaco aqui um ponto de atenção na ação dos Laboratórios de Inovação Cidadã, visto que esse contexto de igualdade pressupõe equidade na linguagem entre os participantes.

Retorno aqui à minha chegada ao ecossistema da Inovação Cidadã, que registrei no início do texto, para explicar a escolha de "interação", entre tantas ideias, aprendizados, sentimentos, descobertas, cores, afetos, desafios e sabores, como palavra-guia desse pensar sobre as oportunidades e os desafios de estruturas participativas tão inspiradoras.

A interação em projetos colaborativos é, portanto, ao mesmo tempo potência e desafio. Para o sucesso dos projetos em laboratórios de inovação cidadã é fundamental que haja um ambiente que favoreça a criatividade e a experimentação. Esse ambiente pode ser construído a partir de práticas que estimulem a interação entre os participantes, como o uso de metodologias de cocriação, oficinas criativas e prototipagem. No entanto, é importante ir além e reconhecer a importância da subjetividade dos envolvidos, que pode ser tocada e sensibilizada por meio de abordagens lúdicas e poéticas, ativando assim toda a potência desses encontros.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc; MUCZNIK, Lúcia Liba. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus, 2005.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2009. Wagner Junqueira Pra-do, 2003.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.

DE ANDRADE, Bruno; QUEIROZ FILHO, Antonio Carlos. Landscapes of Hope: weaving shared values through resilience narratives and serious geogames. *Contesti. Città, territori, progetti*, n. 2, p. 195-214, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FRIIS, Jan Kyrre Berg Olsen. Perception: embodiment and beyond. **Foundations of Science**, v. 17, p. 363-367, 2012.

GARDNER, Howard. **Multiple intelligences**: the theory in practice. Nova York: Basic books, 1993.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo**: racionalidade da ação e racionalização social. v. 1. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

HOOKS, Bell. **Feminism is for everybody**: passionate politics. Londres: Pluto Press, 2000.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KIMBELL, Lucy. Rethinking design thinking: part I. **Design and Culture**, v. 3, n. 3, p. 285-306, 2011.

KIMBELL, Lucy. Rethinking design thinking: part II. **Design and Culture**, v. 4, n. 2, p. 129-148, 2012.

LÉVY, Pierre. **Que é o Virtual?** São Paulo: Editora 34, 2003.

MANZINI, Ezio. **Design, when everybody designs**: an introduction to design for social innovation. Cambridge: MIT Press, 2015.

PIAGET, Jean. **A equilibração das estruturas cognitivas**: problema central do desenvolvimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PIAGET, Jean. **Aprendizagem e conhecimento**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1990.

QUEIROZ FILHO, Antonio Carlos. **Além do que a vista alcança**: sobre paisagem como dobras dos sentidos. Vitória: Rasuras, 2022.

QUEIROZ FILHO, Antonio Carlos. **Corporema**: por uma Geografia Bailarina. Vitória: Antonio Carlos Queiroz Filho, 2018.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Editora 34, 2009.

RIES, Bruno Edgar. Sensação e Percepção. In: RIES, Bruno Edgar; RODRIGUES, Elaine Waingberg (Orgs). **Psicologia e educação: fundamentos e reflexões**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SANDERS, Elizabeth B.-N.; STAPPERS, Pieter Jan. Co-creation and the new landscapes of design. **CoDesign**, v. 4, n. 1, p. 5-18, 2008.

SIEGEL, Susanna; SILINS, Nicholas. The epistemology of perception. In: MATTHEN, Mohan (ed.), **The Oxford handbook of philosophy of perception**. Oxford: Oxford University Press, 2015.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SKLIAR, Carlos. **Alteridades em educação: o insuportável silêncio da diferença**. Porto Alegre: Penso, 2016.

VIGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VIGOTSKY, Lev Semionovitch. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Laryssa Tarachucky

**CAPÍTULO 6.
LABORATÓRIOS,
NO PLURAL**

Ao longo dos últimos anos, tive a feliz oportunidade de estar em contato com uma multiplicidade de arranjos relacionados aos laboratórios de inovação cidadã e urbana. Ao redor do mundo, eles aparecem sob múltiplas formas. Alguns se estruturam como programas públicos vinculados a políticas culturais ou urbanas; outros emergem em universidades e centros de pesquisa; enquanto outros surgem como coletivos independentes ou arranjos híbridos que perpassam várias esferas. Há laboratórios com sede física permanente, outros que operam de maneira itinerante ou temporária. Há laboratórios fortemente institucionalizados e outros que se mantêm deliberadamente informais, operando nas bordas dos sistemas tradicionais de planejamento, pesquisa e gestão urbana.

Tenho percebido que essa diversidade não é um desvio em relação a um suposto modelo ideal, mas uma condição constitutiva do campo. Os laboratórios emergem como resposta a contextos específicos — sociais, políticos, culturais, territoriais... — e se moldam às urgências e possibilidades de cada lugar. E, embora variem em termos de escala, institucionalidade, materialidade, temporalidade e questões mobilizadoras, os laboratórios compartilham uma certa atitude diante da complexidade do viver em comum. Eles se afirmam como modos de operar, orientados pela experimentação, pela colaboração e pela abertura ao aprendizado coletivo que emergem onde há brechas institucionais, desejo de participar e, sobretudo, necessidade de experimentar outras formas de produzir cidade.

Como dito na abertura desse livro, o percurso que dá origem a ele é atravessado por encontros com diferentes experiências laboratoriais, em contextos nacionais e internacionais. Esses contatos se deram por meio de estudos de caso, de análises documentais, mas também em processos de convivência, troca metodológica, colaboração e aprendizado mútuo. Em alguns momentos, esses laboratórios se apresentaram como referências, como exemplos a serem seguidos; em outros, como parceiros de diálogo, espaços de formação e, até mesmo, como territórios de experimentação compartilhada. Em comum, revelaram a potência de práticas que apostam na construção de espaços mais porosos entre cidadãos, instituições, conhecimentos acadêmicos e saberes do cotidiano.

UM CAMPO QUE SE APRENDE POR APROXIMAÇÃO

Os laboratórios de inovação cidadã raramente se revelam de imediato. E isso eu aprendi ao longo de muitos anos. Diferentemente de políticas públicas ou programas de planejamento urbano formal, os laboratórios tendem a operar em zonas de indeterminação: entre disciplinas, entre setores, entre tempos longos e urgências. Aproximar-se desse campo exige menos adesão a definições prévias e mais disposição para o aprendizado por convivência, observação e prática compartilhada.

O percurso que sustenta este livro — e que sustentou também boa parte de minha atividade profissional recente — não se deu a partir de uma experiência isolada, mas por meio de um conjunto de aproximações sucessivas. Em diferentes momentos e de diferentes maneiras, essas aproximações permitiram formar um repertório dinâmico — feito de contrastes e afinidades. É a partir desse repertório que este capítulo se organiza. Ele se detém na descrição de algumas experiências que marcaram esse percurso e que também funcionam como pistas de exploração: espaços que ensinaram, desfizeram certezas e que podem, também, inspirar outros caminhos.

Ao longo dessas aproximações, fui entendendo que os laboratórios vão muito além da produção de soluções. Eles são, antes de tudo, espaços de formação — no sentido mais amplo do termo. Formação de repertório, de sensibilidade, de linguagem comum e, sobretudo, de modos de estar em relação.

UM MUNDO DE LABORATÓRIOS

O primeiro laboratório que quero trazer para esse texto é também minha porta de entrada para o mundo dos labs. O **Medialab-Prado** é também um dos mais importantes espaços voltados para a multiplicação das práticas de inovação cidadã em âmbito mundial. Renomeado Medialab-Matadero^[1], trata-se de um laboratório de inovação cidadã baseado em Madri que, desde 2002, abriga em sua estrutura atividades de experimenta-

^[1] Medialab-Matadero é o nome dado ao Medialab-Prado quando, em 2021, este é desalojado das dependências da Serrería Belga e trasladado para o centro de criação contemporânea [Matadero Madrid](#).

ção para a participação democrática, prototipagem de sistemas de dados abertos e ciência cidadã, além dos mais diversos processos de desenvolvimento de soluções para questões comunitárias que abrangem desde estruturas de gestão compartilhada de comuns urbanos até sistemas digitais para a visualização de dados sobre diferentes dinâmicas das cidades.

O contato com a estrutura, os métodos e, principalmente, pessoas do Medialab-Prado foi decisivo para compreender essa dimensão relacional: o Medialab se apresentava como um dispositivo de aproximação entre desconhecidos. E isso era feito por meios variados, mas, especialmente, por um sistema de dupla-chamada proposto por Marcos García e Laura Fernandez orientado a facilitar que pessoas provenientes de mundos diferentes e que antes não se conheciam pudessem colaborar no desenvolvimento de projetos.

Essa forma de aproximação vem sendo validada, refinada, replicada e adaptada a diferentes contextos ao longo dos anos. Ela é utilizada, por exemplo, na **Rede de Laboratórios de Inovação Cidadã** da **Secretaria Geral Ibero-Americana** (Segib), que atua articulando laboratórios nos vinte e dois países da região da Ibero-América, desde 2014. Ela foi também levada para o curso **A Planet of Citizen Laboratories** e para o projeto Laboratórios Ciudadanos Distribuídos - **LAAABs**, dedicado a promover e fortalecer estruturas de inovação em bibliotecas e outras instituições culturais.

Foi a partir dessas duas últimas experiências que conheci a **Silo Arte e Latitude Rural**. O encontro com a Silo marcou uma mudança importante no meu olhar sobre o que pode ser — e onde pode estar — um laboratório de inovação cidadã. Se o Medialab-Prado havia me apresentado a potência dos laboratórios como infraestruturas urbanas de encontro, a Silo me mostrou que esses mesmos arranjos podem — e precisam — acontecer fora dos grandes centros. E que eles não precisam — e, talvez, também nem devam — operar sob o imperativo da velocidade.

Localizada na região da Serrinha do Alambari, em uma área de proteção ambiental, a Silo ocupa e reativa a estrutura de um antigo cassino e se constitui como um espaço de experimen-

tação situado entre arte, cultura, meio ambiente e vida comunitária. Ali, o laboratório se organiza por meio de processos mais longos, baseados na convivência, na escuta e na construção gradual de vínculos com habitantes, trabalhadores e pesquisadores que atuam no território. A inovação cidadã, nesse contexto, se apresenta como um processo de tradução entre saberes do campo e da cidade, entre práticas tradicionais e expressões artísticas, permeados por uma generosidade singular.

As aproximações provocadas pelo segundo ano do programa do LabIC Novale, em 2022, me trouxeram também algumas das experiências já descritas nesse livro — como é o caso do Rasuras — e me fizeram retornar a outras — como é o caso do **Laboratório Cívico de Aveiro** e do programa **Actors of Urban Change**. Mas ele trouxe também um feliz reencontro, que descontinua a experiência do Labic Barreiro Velho.

O **LabIC Barreiro Velho** é um laboratório de inovação comunitária de escala territorial, ativo entre 2021 e 2022, implantado no centro histórico da cidade do Barreiro, conhecido como Barreiro Velho. O LabIC Barreiro Velho estruturou-se a partir de um plano de atividades composto por cinco fases — mapear e identificar; ligar, motivar e mobilizar; capacitar e empoderar; potencializar a governança; e consolidar e celebrar —, fases essas que podem ser muito úteis como referência para laboratórios de mais longa permanência.

O Labic Barreiro Velho foi-me reintroduzido por outro laboratório que quero mencionar, chamado **Sobreurbana**. O Sobreurbana apareceu no meu percurso como uma experiência que tensiona, de forma muito precisa, as fronteiras entre urbanismo, ativismo e cuidado. Diferentemente de laboratórios que se estruturam a partir de programas ou editais específicos, o Sobreurbana se apresenta como um coletivo e uma plataforma de ação que opera no território por meio de intervenções de urbanismo tático, mapeamentos colaborativos e ativações do espaço público. Ali, a experimentação se dá no próprio fazer urbano: em caminhadas, mapeamentos, ocupações temporárias, ações culturais e processos de co-criação que revelam a cidade como um campo aberto de disputa e imaginação. Seu trabalho parte da cidade existente — de seus vazios, conflitos, usos informais e camadas invisibilizadas — para mobilizar

reflexões e ações que reposicionam o papel dos habitantes na produção coletiva do espaço^[2].

Esse entendimento dialoga diretamente com o que pode-se encontrar no **Labdes Cidade** — o Laboratório de Design Social da Cidade, que se apresenta como um espaço em que o design atua de forma explícita como mediador de processos urbanos complexos. Ali, o laboratório se constrói na articulação entre pesquisa, prática projetual e participação, utilizando do design gráfico, da cultura do design e de assembleias projetuais como instrumentos para tornar visíveis problemas, interesses e possibilidades de ação coletiva.

Eu não poderia deixar de citar também o Exploratório, que entrou nesse percurso como espaço que radicaliza o entrelaçamento entre colaboração, cidadania, arte e exploração. Inserido no contexto mais amplo do **Parque Explora**, em Medellín, o Exploratório pode ser melhor compreendido como parte de uma ecologia urbana e institucional — marcada por um processo histórico de transformação social, cultural e territorial — que estimula, a partir de variadas formas de expressão artística, questões críticas profundamente vinculadas às particularidades daquele território.

Talvez a principal contribuição dessa leitura esteja em reafirmar que a inovação cidadã não se sustenta em fórmulas, mas em relações. Por trás de cada um desses laboratórios existem pessoas. E existem encontros e o cultivo de vínculos.

LABORATÓRIOS COMO ECOLOGIAS EM UMA ECOLOGIA DE LABORATÓRIOS

Pensar um laboratório como ecologia é afastar o pensamento da ideia de estrutura, método ou dispositivo técnico claramente delimitado para compreendê-lo como um conjunto de relações em interação contínua. Assim como em uma ecologia, as partes que constituem um laboratório não existe como entidades isoladas, mas como um sistema composto por atores humanos e não humanos, práticas, saberes, tempos, afetos, infraestruturas, normas e conflitos que se co-constituem no tempo.

^[2] Um diálogo entre esses últimos laboratórios foi promovido no evento “O papel dos laboratórios cidadãos para a localização dos ODS”, disponível em: bit.ly/4jamkUP

O laboratório, nesse sentido, deixa de ser entendido como um lugar estável ou como um conjunto de etapas replicáveis. Ele passa a ser reconhecido como uma configuração provisória, que se rearranja continuamente em função do território em que se insere, das pessoas que o compõem, dos problemas que emergem e das condições materiais, institucionais e políticas que o atravessam. O laboratório não antecede o contexto; ele se forma com o contexto — e se transforma à medida que esse contexto também se transforma.

Ao assumir essa leitura, recusa-se explicitamente a ideia de laboratório como fórmula. Não há um “jeito certo” universal de fazer laboratório, nem um roteiro que possa ser simplesmente transferido de um território a outro — ainda que as trocas de experiências, as transferências, adaptações e reformulações, i.e., o aprender com o outro, sejam perfeitamente aceitáveis. Essa recusa é, em essência, uma recusa política. Ela se coloca de forma crítica frente a abordagens normativas de inovação que, ao buscar padronizar práticas, tendem a capturar experiências vivas e traduzi-las em metodologias embaladas, prontas para circulação e consumo institucional. Tomar parte de um laboratório é, sobretudo, reconhecer que toda prática laboratorial é contingente, atravessada por imprevistos, negociações e rearranjos constantes. E que fixá-la em um modelo fechado significaria apagar justamente aquilo que a torna relevante: sua capacidade de responder às singularidades do contexto e de produzir sentido a partir delas.

Entender o laboratório como ecologia implica, portanto, aceitar algumas inversões importantes. Implica reconhecer que os processos importam mais do que os formatos, que a continuidade pode ser tão relevante quanto os eventos, que as relações sustentam mais do que as ferramentas e que o tempo do território nem sempre coincide com o tempo dos editais, dos planos anuais, bem como da lógica toda que sustenta o capital. Essas inversões deslocam o foco da eficiência e da replicabilidade para a atenção, o cuidado e a sustentação dos vínculos ao longo do tempo.

Essa mirada muda também o foco das perguntas. Em vez de perguntar “como replicar um laboratório?”, passa-se a perguntar: como criar condições para que práticas laboratoriais possam emergir, se sustentar e se transformar em um determina-

do contexto? O laboratório deixa de ser visto como solução e passa a ser compreendido como ambiente de experimentação coletiva, sensível às dinâmicas locais, às relações em jogo e às incertezas próprias do viver em comum.

Ainda, pensar laboratórios como estruturas isoladas é insuficiente para compreender sua real potência. O uso de dizer que eles não existem sozinhos: laboratórios são ecologias presentes dentro de uma ecologia de laboratórios. Eles convivem em um emaranhado. Aprendem uns com os outros, se influenciam à distância, se reconhecem, se tensionam e se transformam em relação. O conhecimento produzido nesse campo não emerge dentro de um laboratório ou de outro, mas entre eles — nas circulações de pessoas, métodos, narrativas e aprendizados. Não apenas cada laboratório é complexo, mas o campo se constitui pela relação entre essas complexidades. Pelo que passou, pelo que ficou e pelo que há por vir.

SOBRE OS AUTORES

LARYSSA TARACHUCKY

Pesquisadora, arquiteta e urbanista e especialista em meta-design. Doutora em Engenharia e Gestão do Conhecimento e mestre em Design pela Universidade Federal de Santa Catarina, realizou pós-doutorado no Instituto de Estudos Avançados da USP, com foco em participação cívica sustentada. Diretora de programas e metodologias do Instituto Cidades, é Lead Expert e Ad Hoc Expert validada pelo URBACT, programa europeu voltado à cooperação entre cidades, onde atua no apoio à formulação de estratégias urbanas integradas e participativas. Foi idealizadora e coordenadora geral do LabIC Novale.

ALEXANDRA ATAÍDE

Empreendedora social, gestora de projetos e formadora há mais de 13 anos, sendo responsável pela TO BE DO, Ground_up e Sala Comum. Enquanto investigadora, tem-se dedicado às áreas da Educação, Psicologia da Educação e Inovação Social e Cívica, com particular interesse nos processos colaborativos e participativos (na escola e na comunidade), no desenvolvimento profissional docente, nas competências transversais e nos laboratórios cívicos. Doutorada em Educação, com especialização em Psicologia da Educação, pela Universidade de Aveiro, foi investigadora no Laboratório de Planejamento e Políticas Públicas (L3P-UA) e tem coordenado programas de Resolução Colaborativa de Problemas reais e complexos em contexto escolar.

ANTONIO CARLOS QUEIROZ FILHO

Professor titular da Universidade Federal do Espírito Santo. Pesquisador-gamer, aspirante a game designer e a game writer, fotógrafo, videomaker e poeta, envolvido com jogos artísticos, jogos com fins educacionais e demais tipos de jogos sérios, gamificação e dinâmicas de interação, narrativas e narratividade em games. É fundador do RASURASLab, uma seção do Grupo de Pesquisa RASURAS focada em soluções criativas através da arte-

mídia-tecnologia; e da Editora RASURAS. Possui trabalhos artísticos selecionados e premiados internacionalmente, como os "Trieste Photo Days 2020" - Itália; o "Sound Walk September 2020 Award"; o "Oregon Cinema Arts Festival - USA", o "Muestra Movimiento Audiovisual - México"; e o "Laboratorio Festival Internacional de Artes Performativas - Linha de Fuga 2020" - Coimbra, Portugal.

JOICE BIAZOTO

Joice fez mestrado em Jornalismo (M.A.) nos E.U.A. e em Estudos de Paz e Política de Segurança (M.P.S.) na Alemanha. Ela tem mais de 12 anos de experiência na área de comunicação para organizações não governamentais e fundações internacionais. Ao longo de sua carreira, Joice ampliou sua área de atuação para incluir facilitação de grupos, consultoria estratégica para equipes, além da coordenação de projetos. Como gerente do programa Actors of Urban Change, Joice foi responsável pela criação de formatos e publicações impressas e digitais, facilitou reuniões de rede e workshops on-line, e treinou os participantes em tópicos como storytelling, criação de conteúdo e pitching.

JOSÉ CARLOS MOTA

Professor Auxiliar no Departamento de Ciências Sociais, Políticas e Territoriais da Universidade de Aveiro e investigador do GOVCOPP. Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade de Aveiro e Mestre em Planeamento e Projeto Urbano pela Universidade do Porto. Foi Diretor do Mestrado em Planeamento Urbano e Regional (2016–2020). Fundou o Laboratório de Planeamento e Políticas Públicas, distinguido com o Prémio Cooperação UA2023. Tem participado em vários projetos de investigação nacionais e internacionais sobre planeamento participativo de base territorial, nomeadamente os projetos europeus Participation4All, Urban Imprint e DUT Conifer. Paralelamente, tem dinamizado diversas iniciativas cívicas em prol das cidades e da cidadania. Acabou de lançar o livro A Participação Cívica em Portugal.

NAOMI MARTIN

Com mestrado em Relações Culturais Internacionais, Naomi também tem treinamento profissional em coaching, facilitação participativa e mudança sistêmica. Naomi tem uma rica experiência internacional nas áreas de desenvolvimento urbano sustentável, integração e desenvolvimento comunitário, tendo trabalhado como facilitadora e coordenadora de projetos nos contextos sul-americano e europeu. Durante quatro anos, ela foi gerente do programa Actors of Urban Change implementado pela MitOst e.V. e financiado pela Robert Bosch Stiftung GmbH. Através deste programa, ela tem apoiado grupos intersectoriais com a facilitação de formatos que convidam à experimentação de novas formas de pensar e colaborar, bem como com o fomento de redes translocais visando a realização de mudanças positivas nos espaços urbanos.

PAULO HENRIQUE WOLF

Paulo Henrique Wolf é designer gráfico, mestre em Design e Comunicação e especialista em branding estratégico. Com mais de 15 anos de experiência, atua na intersecção entre criatividade, marketing e inovação, ajudando empresas e profissionais a transformarem suas marcas em experiências consistentes e relevantes. Sua carreira abrange desde a criação de identidades visuais e projetos editoriais até a concepção de campanhas criativas, ações de endomarketing e consultoria em design e branding. Pós-graduado em Gestão do Design, Marketing Digital e Marketing, Criatividade e Inovação.

ROSA MADEIRA

Rosa Madeira é professora e investigadora aposentada do Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro e do Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (CIDTFF). O seu trabalho de investigação tem-se centrado na infância, diversidade cultural e participação comunitária, com especial ênfase na construção de contextos educativos e políticas de inclusão. Enquanto especialista em Ciências da Educação e Inclusão, tem

desenvolvido estudos sobre interculturalidade, desigualdades educativas e práticas participativas, contribuindo para o desenho de modelos educativos mais equitativos e para o fortalecimento de comunidades culturalmente diversas.

ROSANE VASCONCELLOS ZANOTTI

Professora do Departamento de Comunicação Social e coordenadora do curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Ela é líder do Grupo de Pesquisa Observatório Cidade e Porto, fotógrafa e pesquisadora dos grupos Rasuras, do Laboratório de Pesquisa em Tecnologias Criativas e do Laboratório de Internet e Ciência de Dados (LABIC/UFES). Graduada em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela UFES, Rosane é mestre e doutora em Design pela PUC-Rio.

Os laboratórios de inovação cidadã têm se afirmado, em diferentes contextos, como espaços de experimentação coletiva voltados à construção de respostas para desafios urbanos e sociais contemporâneos. Reunindo vozes que falam desde programas colaborativos, redes bottom-up de inovação urbana, experiências institucionalizadas, práticas de mediação e vivências sensíveis de participação, este livro propõe uma leitura da inovação cidadã como prática situada, construída no tempo e na relação. Nascidos do encontro entre pessoas, territórios, saberes e práticas diversas, os textos aqui reunidos convidam à escuta, ao diálogo e à experimentação como caminhos possíveis para enfrentar desafios comuns. Ao compreender os laboratórios como lugares de encontro — abertos, processuais e inacabados — o livro oferece ao leitor um campo de reflexões que pode ser apropriado, deslocado e reinventado a partir de outros desejos, necessidades, contextos e territórios.